

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS PSICOLÓGICAS EM INSTITUIÇÕES

ARMIDA PORTELA D' ALBUQUERQUE LIMA

**AS MÚLTIPLAS FACES DO CRACK: DA EXPERIÊNCIA DO USUÁRIO AO
CONTEXTO SÓCIO / POLÍTICO**

RECIFE/2014

ARMIDA PORTELA D' ALBUQUERQUE LIMA

AS MÚLTIPLAS FACES DO CRACK: DA EXPERIÊNCIA DO USUÁRIO AO CONTEXTO
SÓCIO / POLÍTICO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, na Linha de Pesquisa, como parte dos requisitos para obtenção do grau de mestre em Psicologia Clínica.

Linha de Pesquisa: Práticas Psicológicas em Instituições.

Orientador: Prof.º Dr.ª Marcus Túlio Caldas.

RECIFE/2014

L732m

Lima, Armida Portela D'Albuquerque

As múltiplas faces do crack : da experiência do usuário ao contexto sócio-político / Armida Portela D'Albuquerque Lima ; orientador Marcus Túlio Caldas, 2014.

78 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Psicologia Clínica, 2014.

1. Drogas - Abuso - Aspectos sociais. 2. Crack (Drogas) - Aspectos sociais. 3. Fenomenologia. I. Título.

CDU 615.099

**AS MÚLTIPLAS FACES DO CRACK: DA EXPERIÊNCIA DO USUÁRIO AO
CONTEXTO SÓCIO / POLÍTICO**

ARMIDA PORTELA D' ALBUQUERQUE LIMA

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Arturo Costa Escobar
Universidade Federal de Pernambuco
Examinador externo

Prof.^a Dr.^a Suely de Melo Santana
Universidade Católica de Pernambuco
Examinadora interna

Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas
Universidade Católica de Pernambuco
Orientador

RECIFE/2014

"A pluralidade é condição da vida humana porque somos todos iguais, isto é, humanos, de um modo que ninguém jamais é igual a qualquer outro que viveu, vive ou viverá."

Hannah Arendt

"Isso será coragem minha, a de abandonar sentimentos antigos já confortáveis."

Clarice Lispector

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais, Maria da Conceição e Joaquim Ricardo. Apesar de todas as dificuldades, apoiaram meu caminhar e me proporcionaram segurança para seguir.

Ao Bruno Henrique, sua presença reconfortante foi a força dos momentos “quase impossíveis”.

À minha tia Fátima, pela sua ajuda que permitiu a continuação do meu percurso no mestrado em Psicologia Clínica.

Ao meu avô, falecido durante a minha jornada no mestrado, símbolo de força e coragem.

À Maria do Socorro Furtado Bastos, grande companheira nesse caminhar.

Ao meu orientador, Marcus Túlio Caldas, pela sua importante presença e contribuição durante esse caminhar.

Aos maravilhosos professores do mestrado em Psicologia Clínica, especialmente aos da linha Práticas Psicológicas Clínicas em Instituições.

Aos colegas, companheiros do mestrado, incrivelmente diferentes em suas singularidades.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo geral pesquisar o sentido da experiência de usuários de crack no contexto político/social contemporâneo e como objetivos específicos: compreender os sentidos produzidos pelos usuários de crack em suas experiências com essa droga e analisar o contexto político/social em que ocorre a experiência de uso do crack. A metodologia foi de natureza qualitativa, a partir da perspectiva fenomenológica existencial e política/social. Em um primeiro momento fizemos uma análise documental em textos produzidos pela imprensa escrita nos anos 2012/2013. Procuramos analisar a concepção de uso, dependência, sentido/significado, além dos aspectos políticos/sociais implicados no uso de crack. Em outro momento, utilizando como instrumento a narrativa a partir de Walter Benjamin, com pergunta disparadora, entrevistamos seis usuários de crack, que discursaram livremente sobre sua experiência com essa substância. Os sujeitos participantes foram selecionados a partir de consultórios particulares de médicos e/ou psicólogos, além de agentes redutores de danos. A amostra foi, portanto, intencional, e não buscou generalizações das experiências. Foi solicitada aos profissionais que colaboraram na seleção da amostra a observação de vários modos de uso: ocasional, recreativo e dependência, que pode ser: leve, moderada e grave. Acreditamos que cada um desses modos implica na inserção social do usuário e, portanto traz questões políticas. A pesquisadora tomou como postura, ao dirigir-se ao campo, a hermenêutica filosófica de Gadamer, de diálogo constante com os textos e sujeitos participantes. A análise dos dados foi realizada a partir da obra de Arendt em seu aspecto político/social.

Palavras-chave: Experiência; Crack; Contexto; Sentido; Fenomenologia.

ABSTRACT

This work aimed to study the meaning of the experience of crack/cocaine users in contemporary political/social context. We had planned our research in direction of the followed specific objectives: create an understanding of the meanings produced by crack/cocaine users on his/her experiences with this substance; analyze the political/social context in which their crack/cocaine experiences occurs; and propose perspectives of attention to the crack/cocaine user considering the meaning and the social/political context. The methodology was qualitative from the existential phenomenological perspective. At first, we made a documentary analysis of the newspaper texts produced in years 2012/2013. We analyzed the design of use, dependence, sense/meaning, beyond those involved in the political/social use of crack/cocaine aspects. Second, applying the narrative of Walter Benjamin and utilizing a prompt ask, we interviewed six crack/cocaine users who spoke freely about their experience with the substance. The subjects were selected from the private practices of physicians and/or psychologists, as well as harm reduction agents. Choose of the sample was therefore intentional, and not directed to generalizations of the experiences. Professionals collaborate in the selection observing the distinct modes of use: casual, recreational and dependence, this last that could be mild, moderate and severe. We considered that each of these modes implies the social integration of the user and therefore could emerge political issues. The researcher took as posture a constant dialogue with the texts and study subjects, to this, addressing the philosophical hermeneutics of Gadamer. Data analysis were performed based on the work of Arendt in his political/social aspect.

Keywords: Experience; Crack/Cocaine; Context; Meaning; Phenomenology.

RESUMEN

Este trabajo tuvo como objetivo principal estudiar el significado de la experiencia de los consumidores de crack acerca del contexto político/social contemporáneos. Aparece como objetivos específicos: comprender los significados producidos por los consumidores de crack en sus experiencias con esta droga; analizar el contexto político/social en el que se produce la experiencia de uso de crack; y proponer líneas de atención al consumidor de crack considerando el significado y el contexto social/político. La metodología fue de carácter cualitativo, desde el punto de vista político/social y existencial fenomenológico. Al principio hicimos un análisis documental de los textos periodísticos producidos en los años 2012/2013. Tratamos de analizar el diseño de uso de la droga, la dependencia, el sentido/ significado, más allá de los involucros en el uso de los aspectos políticos/sociales sobre el crack. En otro momento, utilizando como instrumento la narrativa de Walter Benjamin, con la pregunta de arranque, entrevistamos a seis usuarios de crack, que hablaran libremente acerca de sus experiencias con la sustancia. Los sujetos fueron seleccionados de los consultorios privados de los médicos y/o psicólogos, así como agentes de reducción de daños. La muestra fue intencional, y no buscó generalizaciones a partir de la experiencia. Se pidió a los profesionales cooperantes la consideración de los diversos modos de uso durante la selección: recreativas y casuales, y de dependencia, esta última leve, moderada o grave. Creemos que cada uno de estos modos implica la integración social de los usuarios y por lo tanto trae cuestiones políticas. La investigadora tomó como postura el diálogo constante con los textos y los sujetos de estudio, al abordar la hermenéutica filosófica de Gadamer. Se realizó el análisis de datos basado en la obra de Arendt en su aspecto político/social.

Palabras clave: Experiencia; Crack; Contexto; Significado; Fenomenología.

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1. As drogas na contemporaneidade.....	13
1.1 Breve Histórico.....	13
1.2 Categorização do uso e dependência química.....	16
1.3 O crack como a droga dos nossos dias	17
1.4 Questionando “a questão”: as múltiplas faces do crack.....	21
2. Políticas em álcool e outras drogas e a ação política em Hannah Arendt.....	24
2.1 Hannah Arendt e a Ação Política	24
2.2 (Re) formando o cuidado: políticas públicas	27
2.3 Redução de Danos: técnica de cuidado e estratégia política	31
2.4 A política de ampliação da assistência: entre a homogeneização ideológica e o nascimento da diferença em Hannah Arendt	34
3. Metodologia	38
3.1 Gadamer e a Fusão de Horizontes	38
4. Discussão do dados.....	43
4.1 O uso de crack na mídia: um violento atravessar	43
4.2. A voz dos usuários (as) e/ou dependentes de crack	50
Considerações Finais.....	74
Referências Bibliográficas	75

INTRODUÇÃO

O marco inicial da minha história nos estudos acerca dos diferentes usos de drogas se deu na disciplina “Psicologia e Drogadição”, cursada durante a minha graduação, na Faculdade de Ciências Humanas ESUDA. A partir desse momento iniciaram-se questionamentos e inquietações, com imensa paixão. Posteriormente, iniciei a especialização em “Saúde Pública, Saúde Mental e Dependência Química”, na mesma instituição de ensino. A partir daí as inquietações se intensificaram e a paixão pela redução de danos tornou-se uma referência não só para estudos, como também para uma prática de cuidado na vida como um todo. Esse foi um momento de grande vigor, compartilhado com colegas e professores que foram e são impulsionadores para a compreensão da complexidade que envolve os diferentes usos de drogas, mobilizando igualmente a percepção sobre a falta de comunicação entre a mídia e esses estudos. Afinal, o que são drogas?

Descobri que são imensos os preconceitos sobre essa temática, intensificando a distorção entre os estudos que envolvem os aspectos sociais, econômicos, políticos e singulares desses usos e a publicidade de prevenções que apenas consideram a substância em si mesma. Assim, fui caminhando, discutindo, criticando e me apaixonando pelos diferentes estudos nessa área, extremamente complexa. Passados meses de especialização surgiu um sonho: continuar a pesquisar sobre a temática, e dentro desse sonho um desejo corajoso e atrevido: compreender das pessoas que usam crack as suas narrativas, e quem sabe, buscar os encontros e desencontros entre suas opiniões e a massificada opinião da mídia. E assim fiz, afinal, o que seria da noite se não houvesse o brilho das estrelas? O que seria de nós sem sonhos? Foi assim que iniciei como aluna do mestrado em Psicologia Clínica na Universidade Católica de Pernambuco, orientada pelo Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas. Desse modo, iniciei a pesquisa e segui adiante no ciclo da minha vida. A cada dia me impactava mais com propagandas e informações midiáticas sobre os usuários de crack, que afirmavam pânico, violência mortes e roubos, tornando-se possíveis reflexos nas implantações de políticas públicas.

Durante esse percurso fui nomeada para exercer o cargo de Psicóloga no Núcleo de Apoio à Saúde da Família, em Santa Rita (PB). Portanto, foi necessária a desistência da bolsa de estudos que havia conquistado pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), devido à incompatibilidade entre o vínculo empregatício e a

continuidade da bolsa, pela fundação. Portanto, as dificuldades intensificaram-se, mas persisti na luta pela realização do meu sonho.

Esta pesquisa envolve quatro capítulos, no primeiro deles encontraremos um breve resumo sobre as drogas na contemporaneidade, suas pré-concepções e categorização, além da definição do crack e questionamentos sobre suas “múltiplas faces”. No segundo capítulo discutiremos sobre as políticas públicas em álcool e outras drogas, a ação política em Hannah Arendt, políticas públicas, redução de danos e o nascimento da diversidade. No terceiro capítulo haverá a apresentação da metodologia, escolhida a partir da hermenêutica de Hans-Georg Gadamer e sua fusão de horizontes e no quarto capítulo serão realizadas as discussões dos resultados, a partir de notícias pesquisadas na mídia sobre o uso de crack, disponíveis no site NE10, portal do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação, através de palavras-chave, sem buscar generalizações das publicações que envolvem diversos jornais. Após isso haverá a análise de seis entrevistas, qualitativamente realizadas.

1. As drogas na contemporaneidade

1.1 Breve Histórico

Durante o percurso dessa pesquisa nos deparamos com a seguinte questão: o que são drogas? Os gregos usavam a palavra *phármakon* tanto para remédios como para venenos, pois acreditavam que nenhuma substância seria boa ou má por si mesma, mas por diferentes modos de uso. A Organização Mundial de Saúde (OMS) informa que droga é qualquer substância que, não sendo produzida pelo organismo, tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento.

A palavra “droga” tem sido, na contemporaneidade, usada de modo diverso da sua história, travestida de preconceitos que a relacionam a situações de violência, morte, roubo, acidentes, entre outras mazelas sociais. Entretanto, nem sempre foi assim. Carneiro (2005) comenta um pouco do velado que permeia a história das drogas. O autor encontra no *Diccionario da Lingua Portuguesa Recopilada* (1813) a definição de droga como “Todo gênero de especiaria aromática; tintas, óleos, raízes officiais de tinturaria e botica, mercadorias ligeiras de lã, ou seda.” Carneiro também esclarece que o estímulo para os périplos das navegações foram plantas exóticas, consideradas especiarias altamente valorizadas, entre elas as drogas quentes das Índias Orientais, como a pimenta, a canela, e a noz moscada, servindo como aquecimento saboroso nos úmidos invernos. Outrossim, os portugueses buscavam tais drogas asiáticas para abastecer a Europa. Todavia, no Brasil, o pau-brasil e o açúcar foram as duas drogas mais importantes nos dois primeiros séculos da colônia, como afirma o mesmo autor.

Nessa época, as drogas não eram consideradas como um mal, mas como alimentos, tanto para a alma quanto para o corpo. As drogas poderiam alimentar espiritualmente, esquentar dias frios, energizar cansaços, consolar, anestesiá, produzir prazeres e acalmar os males, numa época que não distinguia droga de comida.

As drogas são os instrumentos mais eficientes para se obter prazer e para se combater a dor. Não apenas a dor física, para a qual os analgésicos são bálsamos, como também a dor psíquica, para a qual as drogas são consoladoras supremas (Carneiro, 2005, p. 15).

Igualmente se encontra a definição da palavra a partir da sua origem holandesa, o termo *droog* serviu para designar, nos séculos XVI ao XVIII, um conjunto de substâncias naturais utilizadas, sobretudo, na alimentação e medicina, como afirma Carneiro (2005). O autor

também acredita que o termo foi usado na tinturaria, ou como substância que poderia ser consumida por mero prazer. Mota (2005) afirma que a etimologia da palavra é controversa, também escrevendo sobre a versão de origem holandesa. Nela o termo *droog* significa “seco”, confirmando que se refere aos carregamentos de peixes secos que chegavam à Europa em más condições de consumo. O autor referiu-se a essa origem, buscando esclarecer que a palavra designa, desde seu início algo ruim, estragado.

As drogas sempre existiram, em todas as sociedades, mas o modo como são usadas pode ser muito diferente: desde usos funcionais ou disfuncionais, integradores ou marginalizantes, por simples prazer ou por prazeres que só se realizam no uso daquela substância. O prazer não pode ser esquecido, vivemos, cada vez mais, em um frenesi de sensações de prazer em nossos anseios, inclusive com as drogas. A relação do homem com as drogas é complexa, pois não se reduz apenas à substância em si mesma. Existem diversos aspectos extrafarmacológicos envolvidos que não devem ser descartados, incluindo questões políticas, econômicas e socioculturais, compreendendo o fenômeno de modo multidimensional. Desde as antigas civilizações o homem incluía o uso de drogas para alterar seus sentidos, principalmente através de atividade espirituais e religiosas.

Muitos especialistas no uso de drogas na Antiguidade acreditam que aquela experiência mística que nossos ancestrais viveram ao provar essas plantas ou fungos serviram de inspiração para o desenvolvimento de uma espiritualidade latente e, automaticamente, para a criação dos primeiros rituais religiosos (Araújo, 2012, p. 27).

Os usos espirituais relacionam-se à afirmação dos gregos à palavra *Pharmakón*, droga em um sentido mais amplo que o da atualidade, pois o perigo não estaria na droga, mas na maneira como era utilizada. Em seu contexto, os usos medicinal, religioso e social eram praticamente sinônimos. Segundo Bucher (1991), existem três funções sociais atribuídas às drogas: superar a angústia existencial, obter prazer e entrar em contato com forças sobrenaturais. O autor afirma que o uso de drogas é um fenômeno humano cultural, não existindo sociedade sem drogas. Em diferentes sociedades as drogas possuem diversas finalidades devido à diversidade do campo em que se inserem.

Diante do acima comentado, acreditamos ser importante repassar brevemente as diferentes interpretações sobre uso de drogas desde a época dos gregos aos dias de hoje. Durante diferentes épocas diversos sentidos foram associados ao que chamamos de uso de drogas. Araújo (2012) afirma que esse uso se torna mais raro quando um povo se fixa

geograficamente, desenvolvendo a agricultura. Durante a Idade Média, as bruxas foram perseguidas e queimadas pelos cristãos por fornecer seus remédios alucinógenos, enquanto os alquimistas usavam o ópio como anestésico através de seus estudos sobre plantas medicinais. Outrossim, as drogas nem sempre foram consideradas como algo fisicamente prejudicial, em alguns momentos significaram o encontro com Deus, ou até deuses próprios corporificados, como o Cristo simboliza, nas cerimônias, seu sangue, através do vinho. A partir do século XX se inicia uma grande jornada de intervenções estatais para regulamentar os preços e intervir nos hábitos culturais das populações. A Lei Seca dos Estados Unidos, em 1920, marcou uma época de grande proibição e repressão em relação ao uso do álcool, aumentando a violência, particularmente implicada na fabricação clandestina e no tráfico de bebidas alcoólicas.

Bucher (1994) diz que conforme os efeitos de sentido, qualquer discurso que enfoca questões sociais pode transformar ou manipular as representações coletivas com a finalidade de manter certas estruturas de poder, ou modificá-las, visando superá-las. Na posição repressiva radical prevalece uma compreensão unidimensional, inapropriada para a complexidade do fenômeno. O autor afirma que a abordagem “antidrogas” não analisa o consumo de drogas em seus múltiplos determinantes para se realizar ações preventivas, pois se limita a uma repressão implacável, que se restringe às drogas ilícitas. Os discursos persuasivos manipulam a questão das drogas, que são tratadas em um mito construído para combater desvios da ordem social vigente.

Burgierman (2011) descreve sobre o fracasso da guerra às drogas, afirmando que se tentou resolver um problema complexo de modo simples, pois a repressão acabou aumentando o consumo de drogas. Ele afirma que o sistema antidrogas global é ruim, em grande parte, porque foi concebido em um país, Estados Unidos, e aplicado ao mundo inteiro. O fato desse sistema ter sido concebido nos Estados Unidos está embasado na Lei Seca, em 1920, iniciado pelo movimento de temperança. Trata-se de uma liga formada tipicamente por senhoras da sociedade e por sacerdotes, com a principal bandeira de combater o uso de álcool. Após a proibição, a venda clandestina de álcool começou a aumentar, principalmente através de destilados, por ocuparem menos espaço e possuírem efeitos mais fortes. Entretanto, os registros de mortes por intoxicação alcoólica aumentaram. O autor afirma que a proibição foi abolida em 1933, e os índices de homicídios diminuíram por onze anos consecutivos. Antes disso, pouco a pouco, o índice vinha aumentando, devido ao endurecimento da repressão. Traficantes e policiais foram tornando-se cada vez mais violentos, em parte devido ao fracasso do sistema, além do aumento de uso de armas de fogo.

No caso das drogas, criamos um sistema para reduzir o consumo, e isso originou uma cadeia de reações que acabou levando, entre outras coisas, ao aumento do uso de drogas. Para resolver esse aumento, a humanidade empurrou esse sistema com mais força ainda, gerando ainda mais consequências inesperadas e aumentando ainda mais o uso de drogas (Burgierman, 2011, p. 27).

Esse é um dos exemplos que mostram o fracasso do modelo da “guerra contra as drogas”, gerando o aumento do crime organizado e do tráfico. A promoção desse modelo ocorre em relações disfuncionais entre o homem e as drogas em contextos desintegradores e violentos de repressão e punição. A criminalização em relação aos diferentes usos de drogas é inspirada nas ações dos Estados Unidos e ainda é usada, inclusive no Brasil, através de ações de prevenção focadas unicamente na droga em si, descontextualizando os diferentes modos de uso, promovendo exclusão social e desrespeito a toda reforma psiquiátrica. Compreendemos que a guerra contra as drogas acaba atingindo de maneira desastrosa as pessoas que as usam. É necessário um aparato complexo para lidar com essa questão, e não simples discursos moralistas que relacionam, através de relações de causa e efeito, o uso de certas substâncias à morte. Tornam-se necessárias aproximações e pesquisas para falar sobre a experiência das pessoas com as drogas, e não simplesmente para julgá-la.

1.2 Categorização do uso e dependência química

Existem diferenças entre o uso experimental, uso ocasional, uso habitual e dependência de drogas. No uso experimental, como o nome está dizendo, busca-se experimentar uma substância psicoativa, por curiosidade, pressão do grupo ao qual o ser humano pertence, entre outros. Quando tematizamos um uso como ocasional estamos dizendo que a droga é usada em ocasiões específicas, o usuário já conhece os efeitos da droga e não é mais um experimentador. Também há o uso habitual, aquele em que o usuário pode sentir um grande desconforto quando não usa a droga, existindo sempre um motivo para utilizá-la, entretanto, as obrigações sociais e relações interpessoais ainda permanecem estabelecidas. A dependência não está inclusa em nenhum desses usos, pois nem todo usuário é dependente. Quando há dependência química, segundo o DSM IV, existe um padrão de uso que leva a sofrimento clinicamente significativo, manifestado por três ou mais dos critérios listados, ocorrendo no mesmo período de doze meses. Esses critérios são: (1) tolerância; (2) síndrome de abstinência; (3) consumo em maiores quantidades ou por um período de tempo mais longo do que o pretendido; (4) existe um desejo

persistente ou esforços malsucedidos no sentido de reduzir ou controlar o uso da substância; (5) muito tempo é gasto em atividades necessárias para a obtenção da substância ou na utilização dela; (6) importantes atividades sociais, ocupacionais ou recreativas são abandonadas ou reduzidas em virtude do uso da substância; (7) o uso da substância continua, apesar da consciência de se ter um problema físico ou psicológico persistente ou recorrente que tende a ser causado ou exacerbado pela substância (DSM IV, 2002).

Apreende-se através de Araújo (2012) que “a dependência química, por sua vez, é uma doença crônica que acomete uma pequena fração dos usuários de drogas”. Compreendemos os diversos malefícios existentes na dependência química, incluindo perda de outros prazeres, além do lugar ocupado pela droga, possivelmente para evitar desprazer, e não simplesmente obtê-lo. Mas qual é o limite separa: obter prazer e evitar desprazer? O uso de uma substância deve ser compreendido dentro da teia de coexistência na qual quem a usa se encontra, além de sua singularidade e da substância utilizada. Em função disso não existem fórmulas “prontas” para essa questão. Os critérios para diferenciar o usuário do dependente são utilizados para qualquer droga. Segundo dados do I Levantamento Domiciliar sobre uso de drogas psicotrópicas no Brasil, apenas 11,2% dos usuários poderiam ser compreendidos enquanto dependentes.

As aprendizagens proporcionam novas relações entre as pessoas e a droga, como afirma Becker (1977) ao escrever sobre a “cultura da droga”, significando um conjunto de entendimentos comuns sobre as drogas, suas características e a maneira como elas podem ser usadas do melhor modo. Como a relação do homem com as drogas deve ser compreendida de modo contextualizado, propomos reflexões a partir da nossa sociedade atual. Os modos de consumo excessivo, em que a falta não pode ser sentida e a frustração não pode ser tolerada, perpassam o uso de drogas.

1.3 O crack como a droga dos nossos dias

A produção de crack ocorre com pequenas quantidades de cloridrato de cocaína em bicarbonato de sódio ou amoníaco em água, existindo baixo custo na sua produção. O composto gerado pode então ser fumado. A cocaína, presente no crack, é transformada de sua forma solúvel a uma forma insolúvel, possível apenas de ser introduzida no corpo via fumada.

Possui efeitos mais rápidos por ser fumada, diferentemente dos sintomas prevalentes nas drogas inaladas, mascaradas, ingeridas. O nome da droga surge devido ao barulho que fazem as pedras, quando fumadas. O usuário inala a fumaça, após queima das pedras de crack em instrumentos de uso feitos de latas de alumínio, tubos de PVC e cachimbos. Após cerca de seis a oito segundos a substância chega ao cérebro. Efeitos de fissura começam a surgir de cinco a dez minutos após o uso na forma pura (não misturada), na maioria dos casos.

O crack é um modo diferente de consumir a cocaína. A cocaína é a molécula presente nas folhas de *erythroxylon coca*, conhecida como coca ou epadu, esse último nome dado pelos índios brasileiros. Araújo (2012), sobre a história da cocaína, comenta que a substância foi isolada por Albert Niemann e de 1860 a 1890 foi incluída em tônicos e xaropes. Em 1863, John Pemberton cria o Vin de Mariani, vinho francês composto com folhas de coca. Após isso ele cria a Coca-Cola, abandonando o vinho e acrescentando xarope de noz de Cola à cocaína, denominada bebida dos abstêmios. A cocaína permanece na fórmula da Coca-Cola até 1909. Havia, então, setenta bebidas não farmacêuticas com cocaína. Entre 1884 a 1887 Freud escreveu artigos sobre transtornos tratados com a cocaína, incluindo asma e anemia. No início do século XX surgem as primeiras leis de controle das drogas. Outrossim, compreendemos que os usos de drogas são atravessados pela cultura e pelos aspectos epocais. Como poderíamos imaginar na contemporaneidade chás feitos de cocaína? Portanto, nenhuma droga pode ser compreendida por si só, os costumes, épocas e crenças implicam nos seus usos, como temos insistentemente comentado.

Surgindo inicialmente na década de 1980, nos guetos dos Estados Unidos, como uma nova forma de consumir o cloridrato de cocaína, o crack foi criado pelo tráfico devido ao impedimento em continuar com o comércio de cocaína, no contexto de uma política proibicionista. Malheiro e MacRae (2011) destacam que a mídia local e os políticos da época atuavam buscando um consenso social de que o uso do crack era responsável por importantes problemas sociais, como criminalidade e violência, emergindo o “grande mal” em reportagens que afirmavam ser essa “a droga da morte”. No Brasil, segundo Santos e Souza (2010), os primeiros relatos sobre o uso de crack surgiram na década de 1990, circunscritos às cidades do Sul e do Sudeste, em uma escassez intencional de outras drogas e aumento da oferta da substância. Podemos observar a retomada, no Brasil, das ideias de pânico do crack, que surgiram na da década de 1980, nos Estados Unidos. O crack não é uma droga nova, talvez seus estigmas, excessivamente propagandeados, transformem-na nesse conceito.

Ribeiro, Sanchez e Nappo (2010) descrevem os diferentes riscos decorrentes do uso de crack, e mostram as estratégias desenvolvidas pelos usuários para lidar com esses perigos. Esses autores descrevem os efeitos psíquicos e físicos, além das ameaças relacionadas à sua ilegalidade. Os riscos físicos decorrentes do efeito do crack referem-se ao emagrecimento e à insônia, devido ao efeito excitatório e ao desejo de usar cada vez mais a droga, repercutindo na sua busca contínua, acentuada devido à rapidez de seus efeitos e ao início da abstinência, o que pode provocar situações de overdose. Dentre os riscos decorrentes dos efeitos psíquicos encontramos: possíveis quadros de fissura e paranoia, relacionados a lesões físicas em brigas, comportamento sexual arriscado, detenção policial e perda de vínculos. As dificuldades para pagar as dívidas com os traficantes podem gerar atos de violência entre esses e os usuários, devido à ilegalidade. Os autores também descrevem as estratégias desenvolvidas pelos usuários na tentativa de lidar com tais riscos, dentre elas: usar a droga em grupo a fim de diminuir os medos decorrentes das perturbações auditivas / visuais ou de obter ajuda nos possíveis episódios de overdose, uso solitário a fim de evitar brigas e violência, uso em locais protegidos, associação do uso do crack à maconha a fim de reduzir a fissura, tanto usando o mesclado (cigarro de maconha e crack) quanto uso de maconha após o de crack, inibindo a insônia e a falta de apetite, provocadas por ele. O álcool também pode ser utilizado para amenizar a fissura, além do controle da quantidade de crack utilizada, cuidados na compra da droga e cumprimento das regras do tráfico.

Percebemos que tal pesquisa foi realizada com usuários que não controlariam o uso da droga e estariam envolvidos em situações de abuso em seu uso, envolvidos inclusive em situações de prostituição e conflitos com a polícia. Os efeitos do crack são bem mais rápidos que os da cocaína. Os riscos físicos incluem desde picos hipertensivos associados ao desenvolvimento de AVC à super estimulação de atividades motoras e sensoriais, aumentando a frequência cardíaca e podendo gerar risco de convulsão, infarto e derrame cerebral, além de possíveis alucinações e delírios, com a capacidade de “aumentar a atividade de determinados sistemas neuronais, o que traz como consequências um estado de alerta exagerado, insônia e aceleração dos processos psíquicos.” (SENAD, 2011).

Portanto, não estamos afirmando que o crack não é prejudicial ao organismo, nem estamos excluindo seus riscos, mas não podemos nos conformar com a segregação dos aspectos relacionados à multiplicidade e diversidade, envolvidas nos usos de drogas, também presentes nos usos de crack. Tampouco podemos desconsiderar os aspectos socioculturais e subjetivos que atravessam as compreensões e usos, existindo diferentes padrões de uso, assim como

aprendizagens de usos controlados. Alguns usos se refletem em consequentes perdas de vínculos e problemas com o tráfico. Todavia, tornar o crack o causador de todas as mazelas da sociedade homogeniza a pluralidade humana. Portanto, buscamos, no último capítulo, aproximação às narrativas experienciais de pessoas que fazem seu uso, dentre essas algumas que conseguem manter um padrão controlado e domínio na ação política, questionadora do mundo comum entre os homens.

Malheiro (2010) esclarece a distinção entre diferentes usos denominando-os como o sacizeiro, o usuário e o padrão, problematizando as generalizações que encobrem outras modalidades, menos danosas. O sacizeiro corresponderia ao consumidor que não conseguiria regular o uso, fazendo-o de modo compulsivo e disfuncional, com maior comprometimento físico e social em relação a outros modos, usando grande quantidade por dias seguidos. O usuário possui mais tempo de uso, com saber acumulado através de experiências, com estratégias para regular o uso da substância, evitando que interfira nas suas atividades de trabalho, reservando tempo e lugar para o consumo. Já o padrão possui atividade centrada na venda da substância, dificilmente é encontrado em uso compulsivo devido à impossibilidade conciliatória com a manutenção de um negócio lucrativo de drogas.

A autora esclarece que o uso de crack raramente é uma atividade isolada e mostra a existência de pessoas que conseguiram administrar o consumo de modo controlado, desmistificando a relação direta entre uso de crack e morte, enfatizando o uso do crack como uma atividade social. Também há diferença entre o uso funcional e o disfuncional, esse seria o compulsivo, decorrente de danos, enquanto aquele seria o uso que não acarretaria grandes prejuízos. Portanto, ao se construir perfis homogêneos das populações que usam crack acabam-se construindo também estigmas sobre os sujeitos e o combate às drogas torna-se um argumento excelente para que a violência seja legitimada, nas ações de repressão, reforçada ainda por argumentos midiáticos que naturalizam os usos do crack, enfatizando o caráter devastador da “epidemia do crack” ou, como pensaríamos, na verdade de “histeria do crack”.

Oliveira e Nappo (2008) evidenciam a existência do uso controlado de crack, quando há conciliação com as atividades diárias que existiam antes de iniciar o uso, como trabalho, encontros com a família, amigos, entre outros. Esses autores acreditam que os relatos de uso controlado de crack geralmente estão relacionados a uma anterior fase de compulsão pela droga, e confirmam que a transição da fase compulsiva à controlada ocorreu nos usuários que passaram de um uso compulsivo a um uso controlado depois de anos de consumo. Malheiro

(2010) revela que há um ponto recorrente nas falas dos usuários de crack em sua pesquisa: na fase inicial do uso estabeleceram padrão de uso compulsivo, como sacizeiros, mas ao passar do uso inicial para o regular refletem sobre o uso da substância, adotando modos mais seguros de consumo.

A propósito, em apoio ao que acabamos de comentar, citamos brevemente o I e II levantamentos domiciliares sobre o uso de drogas psicotrópicas em nosso país. Constatou-se que são as drogas lícitas o grande problema. O uso de crack na vida aumentou de 0,4% para 0,7% (Carlini et al., 2006). Portanto, muito abaixo do álcool e de outras drogas psicotrópicas.

1.4 Questionando “a questão”: as múltiplas faces do crack

Estigma é um termo utilizado inicialmente pelos gregos para sinais nos corpos de escravos, traidores ou criminosos. Esses sinais eram feitos com cortes ou fogo para marcar essas pessoas e marginalizá-las como más influências às consideradas boas. Compreendemos que isso também acontece na contemporaneidade, os grupos de usuários de drogas estigmatizadas pela mídia são considerados perigosos e dissociados de suas ações políticas. O crack vem sendo compreendido como a droga devastadora, e o debate sobre as drogas ilícitas surge de um modo alarmista, mostrando simplesmente seus malefícios e as violências relacionadas ao tráfico, devido à sua ilicitude. A epidemia dessa compreensão surge principalmente dos jornais, revistas e noticiários em horário nobre. Os sentidos do mundo comum não são dissociados do homem, eles são coexistentes, não escapamos dos preconceitos, mas tentamos refletir sobre eles. É importante ressaltar que os roubos e a violência são possibilidades do mundo atual, e não são realizados apenas por quem faz uso de crack.

Lira e Escobar (2011) revisam o modo estigmatizado pelo qual o tema é discutido. A singularidade dos atores é imaginada e projetada midiaticamente como de extrema periculosidade. Através de compreensões que tentam incluir estudos antropológicos na complexidade de discussões sobre o avanço do crack, os autores confirmam a necessidade em tratar o tema de modo multidimensional e biopsicossocial, afirmando que é necessário incluir as ciências humanas no debate, pois “(...) tal inclusão justifica-se, ainda, a partir da mobilização da sociedade civil, aterrorizada e em estado de pânico moral, reforçado por propagandas “educativas” alarmistas e reportagens midiáticas no estilo dos tabloides sensacionalistas.” (Lira

e Escobar, p. 137). Esse pânico moral pode contribuir para estigmatizações aos usuários de crack, dificultando a prevenção e o cuidado. Compreender o outro em sua diferença e singularidade torna-se necessário para a possibilidade de acolhimento. Conhecer o outro se torna possível quando se acredita em suas potencialidades e possibilidades, em seus valores, cultura e crenças, sem que haja imposições de qualquer ordem. A ênfase moral encontrada nos discursos midiáticos deve ser questionada, refletida, a fim de que haja acolhimento e escuta das pessoas enquanto seres humanos de direitos e cidadania, sem que estes sejam violados, promovendo uma saúde enquanto direito de todos.

Existem compreensões diversas ao determinismo simplista que envolve os discursos em relação aos usos dessa substância, possibilidades alternativas para o rígido determinismo farmacológico que compreende o usuário sob a ótica da culpabilização. Essas alternativas deixam evidente que a estigmatização não favorece a implicação do usuário nos cuidados de seus usos. Outros aspectos sobre a existência desse fenômeno nos permitem compreender a pluralidade humana e ampliar possibilidades para evidenciar aspectos políticos e sociais envolvidos em diferentes contextos, importantes direcionadores para o nosso trabalho.

Apesar de ser dotado de uma “competência de dano” considerável, não é verdade que o uso dessa substância leve, de maneira homogênea, o usuário a uma total sujeição, implicando sobre a perda do controle sua vida e numa morte rápida (Macrae, 2013, p.13).

É necessário discutir mais o crack, seus riscos, usos, cuidados, e não simplesmente evitar falar sobre ele. Os modelos preventivos que afirmam para “nem pensar sobre o crack” evitam colocá-lo em questão, desse modo, o tornam um tabu. Sequer podemos falar sobre seus usos, excluindo a verdade do discurso de quem usa, utilizando para isso o discurso científico, reproduzido pela mídia ao seu modo, como unicamente eficaz. Esse discurso atravessa as narrativas singulares dos usuários e/ou dependentes de substâncias psicoativas, compreendendo que homem e mundo são co-constituído. Estamos no mundo, facticamente, inseridos em sua teia de significados, e não podemos escapar das verdades hegemônicas, dualistas e cartesianas presentes em nossa tradição.

Sabemos que os contextos sociais envolvem os próprios efeitos das drogas em nosso organismo, como afirma Becker (1977). Ao ingerir uma droga, a experiência subsequente é influenciada pelas ideias e crenças sobre aquela substância, portanto, compreendemos que a “noia” dos usuários pode estar de algum modo associada aos ambientes em que fazem uso, fugindo da polícia, escondendo-se, com medo da aparência que mostram em público. Nos dias

atuais não precisamos de esforço algum para acreditar que o uso de crack é uma das principais causas das mazelas da nossa sociedade. Antônio Nery Filho (2013) esclarece que foi realizada uma pesquisa em Salvador, na região metropolitana, mostrando que aproximadamente 18% da população consumia algum tipo de tranquilizante.

Os discursos midiáticos, que reproduzem opiniões unilaterais e dominantes sobre esse fenômeno possuem influência, inclusive, sobre o modo como se faz o uso da droga, possibilitando o estigma e preconceito que marcam seus significados. Nunes et al.(2010) questiona a compreensão hegemônica e midiática sobre usos de drogas, afirmando que vivemos em uma “sociedade do espetáculo”, na medida em que a mídia associa o uso de substâncias psicoativas a situações de violência de toda ordem, excluindo e segregando as pessoas que as usam, perpetuando a não garantia dos direitos fundamentais, além de ser um empecilho àquelas que necessitam de cuidado, como já comentamos anteriormente.

Existem diversos estigmas relacionados ao uso de crack, direcionando-os à violência, situações de roubos e mortes, porém construir perfis homogêneos para um grupo não deixa de ser mais um modo possível de excluir do mundo comum a pluralidade humana, tornando-o universal. Mota (2010) questiona o modo como a questão das drogas é abordada no discurso de demonização das drogas, centrado predominantemente nas drogas ilícitas, porém essas representariam justamente o menor contingente de usuários no Brasil.

2. Políticas em álcool e outras drogas e a ação política em Hannah Arendt

2.1 Hannah Arendt e a Ação Política

Hannah Arendt (2010) afirma que o necessário condicionamento humano se dará em torno do labor, relacionado à sobrevivência fisiológica, a obra, atividade de transformação da natureza, e a ação, exclusivamente humana, uma vez que a organização política / social terá que se haver com a multiplicidade dos homens em sua singularidade. Portanto, compreende-se que a ação humana acontece na pluralidade dos homens em sua diversidade. Segundo a autora, o labor é uma resposta ao mero estar vivo, e não depende de copresença para sua realização, nem necessita da exposição pública para existir, encontra-se vinculado à vida biológica, ao metabolismo do homem com a natureza e à subsistência da vida de cada indivíduo enquanto *animal laborans*. A obra encerra um produto final, mas também é uma extensão da vida, capaz de habitar o domínio público, mas não o político, respondendo à condição humana de mundanidade, em uma temporalidade linear em que se podem emergir vidas individuais. “O mundo, enquanto artifício humano mais que como a comunidade dos homens, é a obra do *homo faber*.” (Arendt, 2010, p.XXVI).

A atividade da ação torna-se capaz de acesso ao domínio político. A natalidade é a categoria central para tal pensamento, desencadeando o novo. O espaço adequado para sua manifestação está no domínio público, demandando da presença dos outros, da diferença, da singularidade. A ação política pode libertar o homem de ter que se redimir à futilidade do mero estar vivo. Nesse espaço durável para a liberdade “a grandeza frágil e fugaz das palavras e feitos dos mortais se manifesta e encontra abrigo e louvor.” (Arendt, 2010, p.XXXI)

A ação se dá no espaço entre as pessoas, e não em um círculo fechado, a política vincula-se à finitude e desafia a morte com a memória. Nessa teia de relações, uma palavra ou um ato podem mudar o todo, o conjunto, marcando a imprevisibilidade da existência humana, levando um processo a novos processos. A imprevisibilidade contamina e não anula a ação enquanto geradora de início no testemunho do nascimento de cada indivíduo singular. O poder não é construído por um homem sozinho, dá-se na ação política, espaço entre os homens, envolvendo a articulação de propósitos em comum.

Assim como a atividade do trabalho visa a responder ao estar vivo conservando a vida e a atividade da obra almeja responder à mundanidade, conservando e renovando o mundo, a atividade da ação responde à pluralidade humana, confirmando-a, ao reafirmar

no ator político a singularidade que seu nascimento já testemunhava (Arendt, 2010, p.XXX).

Compreende-se que as três atividades estão relacionadas à natalidade e à mortalidade, mas a ação possui uma relação mais próxima com a natalidade dos homens, condicionados à pluralidade. A natalidade pode dar início à ação de algo novo, singular. Os homens são iguais devido à sua condição de humanos, mas nenhum é igual a qualquer outro que existiu, exista ou venha a existir, pois o homem não possui uma essência ou natureza no mesmo sentido das outras coisas no mundo.

O homem não transcende totalmente o mundo comum entre seus semelhantes, tudo que ele entra em contato torna-se condição para sua existência, mas não de modo absoluto, pois nenhuma condição pode explicar o que o ser humano é. Desse modo, os homens são iguais por sua condição de humanos, condicionados à natalidade, mortalidade, vida, mundanidade, pluralidade e à Terra, mas não estão fechados a essa condição, pois através da singularidade e da ação política podem dar início ao novo, que não pode ser definido *à priori*.

O homem necessita da companhia de seus semelhantes, nem mesmo na atividade do trabalho é possível a solidão completa, o homem está sempre condicionado no mundo de outros homens. “Nenhuma vida humana, nem mesmo a vida do eremita em meio à natureza selvagem, é possível sem um mundo que, direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos.” (Arendt, 2010, p.26)

Existe na sociedade moderna a imposição de um tipo de comportamento, através de regras ditadas pelo propagandeamento midiático acerca da disciplina dos comportamentos e controle dos corpos, desfocando a reflexão do homem na ação, tornando a diferença um assunto de domínio privado. A uniformidade torna-se um ideal público na sociedade que rotula, estigmatiza e impõe modos de ser ditados como “certos” e “errados”, pois o domínio público na sociedade moderna substitui a ação pelo comportamento. A capacidade do discurso é excluída do domínio público, quando esse é banido para a esfera do privado.

Através do domínio público as coisas aparecem, mas a cena pública só pode tolerar o relevante, o irrelevante torna-se assunto privado, sem a luz do domínio público, do qual depende a aparência. Muitas compreensões de vida e de mundo, diversas narrativas e diversidades só conseguem sobreviver no domínio privado, mesmo com todos os seus encantos. O que não é aceito pelo domínio público torna-se excluído do mundo mundano comum à

pluralidade dos homens. A informação e a produção em massa ocupam o lugar do encanto na cena pública, desabrigando o irrelevante para dar lugar à informação generalizada e massificada.

O mundo comum perdeu o poder de congregar, separar, relacionar, e dificilmente é suportado, porém entramos nesse mundo ao nascer, e o abandonamos quando morremos, ele existia antes do nosso nascimento, e continuará existindo com nossa morte. A destruição do mundo comum procede a destruição da diversidade, pois todos passam a ter que possuir a mesma opinião, sem variedade de perspectivas. Algumas histórias não são envolvidas na admiração pública, pois no mundo moderno sua importância está relacionada à recompensa monetária, e o que não produz lucro segrega-se ao domínio privado. A mídia em massa privilegia modos de intervenção ligados à informação e ao lucro monetário, em uma época adoradora de rótulos, estigmas e generalizações, a realidade torna-se sinônimo de objetividade.

Somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, em uma variedade de aspectos, sem mudar de identidade, de sorte que os que estão à sua volta sabem que veem identidade na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo aparecer real e fidedignamente (Arendt, 2010, p.70)

A vida não pode se dar apenas de modo privado, pois assim não seríamos vistos e ouvidos por outros, e como seres humanos nos realizamos através do testemunho. Existem diversidades e diferentes perspectivas para que o mundo comum continue a existir. Quando tomam aparência pública, as coisas que só podiam ser experimentadas no âmbito privado assumem uma realidade diferente, tornando-se desprivatizadas e reais. Segundo Arendt (2010) a narração de histórias é a mais comum dessas transformações realizadas através da desprivatização.

O domínio público apenas tolera o que é digno de ser visto e ouvido, o que é relevante, e alguns sentimentos são privativamente incomunicáveis, tal como o da grande dor física, experiência limítrofe entre a vida e a morte. Desse modo, a autora afirma que a dor e a morte são tão alheias ao mundo das coisas e dos homens que não podem assumir nenhuma aparência.

O nosso senso de verdade e realidade depende do domínio público aparentemente mostrado. Todavia, Arendt (2010, p.63) afirma que “existem assuntos muito relevantes que só podem sobreviver no domínio privado”. Outrossim, a autora compreende que o que é considerado irrelevante pelo domínio público pode ser tão extraordinário a ponto de tornar-se

um modo de vida, adotado por um povo de modo contagiante, sem que deixe de caracterizar-se privativamente. Também percebemos o quanto a admiração pública e a recompensa monetária se aproximam na contemporaneidade, o que é relevante e digno de ser publicizado não recai na falta de lucro. Essa admiração não se referencia nas expressões narrativas poéticas, ou em modos de expressar a verdade através de experiências artísticas, sua direção caminha no rumo do lucro financeiro. Desse modo, o que é digno de ser visto e ouvido não são experiências singulares, mas generalizações e objetificações que se destinem ao lucro financeiro, simplificando a complexidade humana. Arendt (2010) comenta sobre a futilidade da admiração pública, afirmando que essa é consumida em doses cada vez maiores. Essa objetividade torna-se muitas vezes contraditória à necessidade de diversidade para que a ação política ocorra, torna-se possível que diferentes narrativas e experiências sejam vistas e ouvidas por outros, pois todos os seres humanos são comuns por se diferenciarem uns dos outros, o mundo comum é plural, destruindo-se quando cessam os aspectos da pluralidade humana, quando visto e ouvido apenas sobre um único ângulo.

Portanto, como comentamos anteriormente, o domínio público é constituído por informação, industrialização, nele encontramos os reflexos da ciência cartesiana, verdades absolutas e generalizações, enquanto o domínio privado abriga o irrelevante, encantador, singular. Esse espaço público deve transcender a duração da nossa vida, através da ação política, atingindo os que nascerão, perpetuando no mundo comum, que abandonamos quando morremos. O que temos enquanto domínio público reflete as ações dos que existiram antes de nós e nossas ações políticas possuem esse mesmo poder para os que virão a existir.

2.2 (Re) formando o cuidado: políticas públicas

Quando discutimos as políticas sobre drogas nos posicionamos ao encontro de toda a Reforma Psiquiátrica e sua legislação, encontrada na lei 10.216. Anteriormente à reforma, o modelo hospitalocêntrico e centrado na doença era o direcionamento para tudo que se referia à saúde mental. As práticas higienistas embasavam tratamentos curativistas que excluíam socialmente as pessoas de contextos culturais, sem que uma rede intersetorial fosse articulada e promovida para um cuidado integral. A Constituição Federal de 1988 inicia o marco das mudanças, afirmando que:

A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (Art.196 CF, 1988).

As duas primeiras Conferências Nacionais de Saúde Mental em 1987 e 1992 desmembraram novos caminhos para a redemocratização de toda a política, além dos congressos nacionais dos trabalhadores em saúde mental. Em 1987 a Conferência adotava por lema “por sociedade sem manicômios”. Nesse mesmo período (1987) surge o primeiro CAPS na cidade de São Paulo, propondo uma substituição ao modelo hospitalocêntrico, além do início do processo de intervenção, em 1989, da Secretaria Municipal de Saúde de Santos (SP) em um hospital psiquiátrico, a Casa de Saúde Anchieta, devido a diversas violências e mortes de pacientes. Em 1988 o Sistema Único de Saúde (SUS) é criado. Em 1989 o projeto de lei Paulo Delgado tem entrada no Congresso Nacional. A Lei Paulo Delgado só é sancionada após doze anos, em 2001, iniciando o grande marco da lei 10.216 em toda história da Reforma Psiquiátrica no Brasil. A III Conferência Nacional de Saúde Mental acontece logo após o sancionamento da lei 10.216 ao final de 2001, em Brasília. Outrossim, iniciam as reduções dos leitos em hospitais psiquiátricos e a articulação de toda a rede de saúde mental composta por Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Serviços Residenciais Terapêuticos (SRT), Centros de Convivência, Ambulatórios de Saúde Mental e Hospitais Gerais. A política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas é lançada em 2003.

Compreende-se que o Ministério da Saúde discorda de um combate à substância por si mesma, propondo que o aspecto cultural que envolve seus usos seja incluído. Essa política propõe que as ações se referenciem na Redução de Danos. A questão deve ser compreendida através do olhar da saúde e não por modelos moralistas. A política informa que a abstinência não deve ser a única meta possível aos usuários e esclarece que muitos consumidores de drogas não compartilham desse desejo.

Os principais limites observados pela não priorização, por parte do MS, de uma política de saúde integral dirigida ao consumidor de álcool e outras drogas, podem ser percebidos a partir do impacto econômico e social que tem recaído para o Sistema Único de Saúde - SUS, seja por seus custos diretos, seja pela impossibilidade de resposta de outras pastas governamentais voltadas para um efeito positivo sobre a redução do consumo de drogas; isto também ocorre no que se refere ao resgate do

usuário do ponto de vista da saúde (e não tão somente moralista ou legalista), e em estratégias de comunicação que reforcem o senso comum de que todo consumidor é marginal e perigoso para a sociedade (Ministério da Saúde, 2004, p.7).

Seguindo o proposto por essa política a dependência das drogas atinge as pessoas de múltiplas maneiras, por diferentes razões, em diversos contextos e circunstâncias. É necessário que o usuário seja reconhecido por sua diversidade, suas características e necessidades, a fim de que sejam construídas novas estratégias de contato e de vínculo com os usuários e seus familiares. As propostas do Ministério da Saúde visam implantar diversos programas de prevenção, educação, tratamento e promoção adaptados às diferentes realidades. Alguns consumidores de drogas podem vir a não compartilhar do desejo de abstinência, podendo abandonar o tratamento devido à imposição dessa, além dos que sequer procuram ajuda por não se sentirem acolhidos nos serviços de saúde.

Essa política busca unir o âmbito clínico da intervenção com o da saúde coletiva, combatendo a lógica binária através da transversalização, promovendo o olhar complexo sobre o fenômeno das drogas, abrangendo implicações sociais, psicológicas, econômicas e políticas, questionando o modelo abstêmio, dentro das discussões da saúde pública. Diferentes contextos e circunstâncias afetam a dependência química, tornando-a multifatorial e desproporcional à tentativa de homogeneização universal. Diversas complexidades necessitam de diferentes modelos de prevenção, incluindo socialmente as pessoas em sua realidade histórica. Quando se tenta unificar os diferentes padrões de uso em um único padrão, ou as diferentes histórias em uma única história, toma-se por base um único aspecto: o farmacológico. O homem cria sentidos para os usos de drogas, assim como criou durante toda a história da humanidade. Torna-se necessária a compreensão ampla e diversificada para que todas as pessoas possuam realmente o direito à saúde, em suas diferentes singularidades históricas, econômicas, sociais, culturais, emocionais. Todas as pessoas possuem direito à saúde, sejam elas dependentes químicas ou usuárias recreativas, sejam elas usuárias de crack ou de qualquer outra droga, compreendendo que os princípios do Ministério da Saúde devem prevalecer.

A percepção distorcida da realidade do uso de álcool e outras drogas promove a disseminação de uma cultura de combate a substâncias que são inertes por natureza, fazendo com que o indivíduo e o seu meio de convívio fiquem aparentemente relegados a um plano menos importante. Isto por vezes é confirmado pela multiplicidade de propostas e abordagens preventivas / terapêuticas consideravelmente ineficazes, por

vezes reforçadoras da própria situação de uso abusivo e/ou dependência (Ministério da Saúde, 2004 p.7).

Quando buscamos compreender os usos de drogas somente sob a ótica de criminalidade ou distúrbio relacionamos seus possíveis “tratamentos” à abstinência, pura e objetivamente. Entretanto, as propostas do Ministério da Saúde visam compreender e atingir a multidimensionalidade dos usos de drogas. A saúde não deve ser tratada com um único objetivo, pois seu comprometimento é com a defesa à vida, portanto, com a clínica do acolhimento, sem julgamento, ao que é possível em cada situação concreta. A Intervenção através do suporte social e da construção de redes torna a Redução de Danos uma estratégia clínico-política, inclusive em suas ações territoriais, comprometendo-se com o acolhimento e com a defesa da vida, de modo não repressivo. Fornecer educação e saúde, além de envolver as comunidades, torna-se, então, um dos compromissos do Ministério da Saúde, buscando reverter modelos assistenciais que não atingem as verdadeiras necessidades da população. O Ministério da Saúde também esclarece que o uso indevido de álcool e tabaco alcança as mais graves consequências para a saúde pública mundial no que diz respeito às drogas, reconhecendo a possibilidade do estigma e do preconceito por parte dos profissionais. Como não poderia deixar de comentar, o mesmo órgão discute sobre os sérios problemas de saúde relacionados ao uso do álcool, e esclarece a necessidade da proibição de propagandas que estimulem o seu uso. Apesar disso, sabemos o quanto o uso do álcool é estimulado e relacionado a poder, beleza e felicidade nos meios de comunicação em massa, enquanto outras drogas estão diretamente relacionadas de modo demonizador a mortes, roubos e marginalização.

Noto, et al (2003) publica como um dos resultados de sua pesquisa a observação de estereótipos diferenciados para cada categoria de droga psicotrópica, em artigos da mídia, exemplificando que a coca e seus derivados (cocaína, crack, merla) são apresentados em dramáticos casos de violência e dependência. Portanto, buscamos lembrar que a cocaína teve diferentes sentidos durante a história da humanidade, como comentamos anteriormente. Noto, et al também comentam que a mídia apresenta essas drogas associadas ao crescimento do consumo. É proposto nessa pesquisa citada que sejam estabelecidas parcerias entre a mídia e os profissionais interessados para que haja debate sobre a questão, particularmente jornalistas e especialistas em prevenção ao uso indevido de drogas.

É necessário investir em intersetorialidade e integralidade nas ações de saúde, articulando com a sociedade civil, movimentos sindicais, associações e organizações

comunitárias e universidades. Compreendemos que a prevenção é algo contrário à culpabilização, devendo-se mudar o estereótipo de doente para a compreensão de cidadãos de direitos, em exercício pleno.

O Brasil tem como rede serviços de atenção diária, nas diversas modalidades (CAPS I, II, III, infanto-juvenil e álcool/drogas), respeitando a reforma psiquiátrica e substituindo o modelo hospitalocêntrico por redes extra-hospitalares e especializadas. As necessidades das pessoas devem ser respeitadas em sua pluralidade social e cultural, portanto, um modelo segregador não pode ampliar saúde na perspectiva da diversidade. A oferta de cuidados extra-hospitalares deve ser ampla para que as diferentes compreensões de cuidado, as diferentes realidades e verdades sejam atingidas no modo de prevenção, respeitando as diferenças e promovendo cidadania. A expansão da rede especializada, além de benéfica para a prevenção ao uso indevido de drogas, também proporcionou diminuição de gastos financeiros para o SUS, quando comparados ao modelo hospitalocêntrico, além da maior abrangência aos atendimentos.

A Política Nacional sobre Drogas (2010) afirma que seu papel como governo é “Envolver e dar voz a todos os interessados nesta questão, para facilitar a criação de políticas que estejam adequadas ao momento.” A política ainda insiste na questão, clarificando que o governo e a sociedade são co-responsáveis pelo trabalho de redução da demanda de drogas em nosso país. A lei 11.343 institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (SISNAD) e busca organizar, coordenar, integrar e articular as atividades de prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas, reprimindo a produção não autorizada e do tráfico ilícito de drogas.

2.3 Redução de Danos: técnica de cuidado e estratégia política

A Portaria nº 1028 do Ministério da Saúde, em 2005, legitimando a estratégia de redução de danos enquanto estratégia de tratamento direcionada a usuários e dependentes de álcool e outras drogas que “*não podem, não conseguem, ou não querem interromper o referido uso, tendo como objetivo reduzir os riscos associados sem, necessariamente, intervir na oferta ou no consumo*”. A Portaria nº 1.059/GM, em 4 de julho de 2005, destina incentivo financeiro para o fomento de ações de Redução de Danos em Centros de Atenção Psicossocial para o Álcool e outras Drogas – CAPSad. A lei nº 6.368/76 é revogada pela Lei nº 11.343 que, em seu

artigo 20, diz: “constituem atividades de atenção ao usuário e dependente de drogas e respectivos familiares, para efeito desta Lei, aquelas que visem à melhoria da qualidade de vida e à redução dos riscos e dos danos associados ao uso de drogas”. Desse modo, as estratégias de Redução de Danos tornam-se essenciais e atravessam todas as políticas de atenção psicossocial a usuários de álcool e outras drogas.

A lei 10.216 garante aos usuários de serviços de saúde mental a universalidade de acesso e direito à assistência, bem como à sua integralidade. A portaria 1.028 regulamenta as ações que visam à redução de danos sociais e à saúde, decorrentes do uso de produtos, substâncias ou drogas que causem dependência. Encontra-se nessa portaria que a Redução de Danos é a estratégia de tratamento direcionada a usuários e dependentes de álcool e outras drogas que não podem, não conseguem, ou não querem interromper o referido uso, tendo como objetivo reduzir os riscos associados sem, necessariamente, intervir na oferta ou no consumo. Essa portaria também descreve as medidas de atenção integral à saúde: informação, educação e aconselhamento; assistência social e à saúde; e disponibilização de insumos de proteção à saúde e de prevenção ao HIV/Aids e Hepatites, estimulando a adoção de comportamentos mais seguros no consumo de produtos, substâncias ou drogas que causem dependência. Compreendemos também que os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) devem ser atendidos pelos programas de atenção à saúde: universalidade, integralidade e equidade. Torna-se necessário diferenciar os diversos modos de uso, cultura e legislação, afirmando a saúde como um direito de todos.

A portaria nº 2.197 (Ministério da Saúde, 2004) estabelece a adoção da lógica de Redução de Danos nos ambulatórios, na Atenção Básica e nos Centros de Atenção Psicossocial em Álcool e Drogas (CAPSad's), prevendo a criação de Serviço Hospitalar de Referência em Hospitais Gerais, evitando internação de usuários em hospitais psiquiátricos, havendo suporte às demandas geradas em outras instâncias de atendimento. Essa portaria afirma que deve haver “adoção da lógica de redução de danos, que é estratégica para o êxito das ações desenvolvidas por essas unidades”, além disso, confirma que o tratamento de intoxicação aguda, em Serviço Hospitalar de Referência para a Atenção Integral aos Usuários de Álcool e Outras Drogas (SHRad) deve ter tempo de permanência de 24 a 48 horas, o tratamento da síndrome de abstinência do álcool deve ter tempo de permanência de três a sete dias, e o tratamento de dependência do álcool, com a presença de intoxicação aguda e com evolução para a instalação de síndrome de abstinência grave, ou ainda outros quadros de síndrome de abstinência seguidos

por complicações clínicas, neurológicas e psiquiátricas, deve ter tempo de permanência de três a quinze dias.

A Redução de Danos é uma alternativa da saúde pública, produtora de mudanças na relação do sujeito com as drogas, sem que o objetivo central seja a abstinência, mas sim o tratamento e compreensão das pessoas como seres singulares, resgatando cidadania. As atitudes preventivas ao uso de drogas não se resumem à repressão. Prevenir pode ser qualquer atitude que propicie experiências para que o sujeito responsabilize-se pela sua existência. “Toda vivência visando à constituição de um ser com identidade própria é, na verdade, prevenção na sua forma mais genuína” (Silveira, 2008, p.8).

As ações voltadas para a Redução de Danos acolhem as pessoas e permitem que elas façam sua própria história, sem que o trabalho seja voltado simplesmente para o produto químico, mas sim para o sujeito e sua autonomia, valorizando suas potencialidades. Respeitando a liberdade de escolha dos usuários que não querem ou não conseguem parar de usar drogas, ela busca minimizar os riscos decorrentes do uso, não se limitando apenas à substância como foco, desdobrando possibilidades no acolhimento aos sujeitos. Desse modo, potencializa os sujeitos ao propor práticas de cuidado na alteridade interpessoal, reconhecendo os usuários de drogas como cidadãos, com direito à saúde, sem propor exclusão, mas sim ruptura à marginalização, reconhecendo a humanidade na diferença do outro.

Quanto à mídia, uma política para Redução de Danos relacionada ao consumo de álcool deve necessariamente propor modificação na legislação na direção da proibição da propaganda de bebidas alcoólicas em meios de comunicação de massa. A propaganda deve ficar restrita aos locais de venda (bares e prateleiras de supermercado), como já é feito no Brasil para o tabaco. Os veículos de comunicação de massa devem ser incentivados a realizar campanhas de redução dos danos à saúde provocados pelo consumo do álcool. O eixo norteador de campanhas pela redução dos problemas provocados pelo álcool deve ser a estratégia de Redução de Danos, devendo haver a crítica de estereótipos relacionados ao uso do álcool, e incentivados pela propaganda de bebidas alcoólicas, como a associação do uso do álcool com a virilidade, a sensualidade e a diversão. Produtores, distribuidores e estabelecimentos que vendem bebidas devem ser implicados no desenvolvimento da campanha de prevenção, através de suas associações (Ministério da Saúde, 2004, p.19)

O Ministério da Saúde assume a Redução de Danos como importante estratégia, afirmando a existência de cerca de onze leis estaduais e municipais de redução de danos, duas associações nacionais de redutores de danos e dezesseis associações estaduais/municipais de redução de danos no Brasil, lidando com a complexidade multifatorial das situações em campo, promovendo a diversidade transversal e variada na promoção da prevenção.

Portanto, compreende-se que as práticas dirigidas às pessoas que apresentam problemas decorrentes do uso de álcool e outras drogas, além de suas políticas, devem estar coerentes com o proposto na Política de Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas, que vai ao encontro da lei federal 10.216, referente à reforma psiquiátrica, e da Organização Mundial de Saúde. Deve-se fortalecer a rede de assistência, a Portaria GM / 336 de 19 de fevereiro de 2002 (MS, 2002) define normas e diretrizes para a organização de serviços que prestam assistência em saúde mental, tipo Centros de Atenção Psicossocial – CAPS, os CAPSad. São os centros direcionados para essa assistência no que diz respeito ao uso de álcool e outras drogas, devendo oferecer atendimento diário, nas modalidades intensiva, semi-intensiva e não-intensiva, planejando terapêuticamente na perspectiva individualizada de evolução contínua através de intervenções precoces, limitando o estigma associado ao tratamento. Segundo o Ministério da Saúde (2004) quando se dividem as drogas em lícitas e ilícitas, concentramos no perigo e pânico em relação às drogas consideradas ilícitas, enquanto as lícitas são incentivadas. O próprio Ministério reconhece que o estigma não favorece a prevenção, promovendo a segregação social, sendo necessárias políticas que desconstruam o senso comum de que todo usuário de droga é doente que requer internação, prisão ou absolvição.

2.4 A política de ampliação da assistência: entre a homogeneização ideológica e o nascimento da diferença em Hannah Arendt

O Conselho Federal de Psicologia discorda de enquadramentos à subjetividade humana, questionando os sistemas hierárquicos de poder, ampliando possibilidades e respeito aos direitos humanos. O Conselho também propõe uma reflexão dialógica sobre o modo como os usuários de crack tornaram-se o “incômodo” atual da sociedade burguesa em sua busca pela limpeza urbana. O direcionamento desse órgão caminha no sentido da compreensão à inserção histórica e política de todo e qualquer uso de drogas, desestigmatizando as pessoas, retirando-as

de um ideal normativo de tratamento baseado em castigos e punições, que arrancam delas seus direitos humanos. A violência produzida pela exclusão social dos que fazem uso de crack cria uma sociedade propagandeada pela mídia, acreditadora de uma “epidemia” de crack. Evita questionar-se acerca da droga que é mais usada e está mais relacionada a problemas sociais: o álcool. A 4ª. Inspeção Nacional, coordenada pela Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia aconteceu em setembro de 2011 e inspecionou sessenta e oito unidades, questionando a internação compulsória, como recurso primeiro e exclusivo de tratamento, compreendendo que os posicionamentos devem se basear na Reforma Psiquiátrica.

Durante a inspeção o Conselho encontrou em todas as unidades “possíveis violações de direitos humanos”, que refletiam o modelo higienista de limpeza social, através da repressão e do controle, da exclusão social. Porquanto, diversidade humana deve ser contemplada no acolhimento e nas políticas das pessoas.

Afinal, o que loucos, adolescentes em conflito com a lei, idosos e usuários de álcool e outras drogas têm em comum? Em que momento esses atores passaram a ser entendidos como lixo que está fora do lugar e que precisam, em nome da proteção e do cuidado, estarem isolados dentro de outro lugar? Vale lembrar que como combustível dessa lógica está a urgência forjada pela construção de uma ideia de epidemia. Aliás, a própria noção de epidemia relaciona-se com a questão do higienismo. Outra lógica problemática é a da laborterapia, praticada em quase todas as unidades visitadas, pois entre ela e o trabalho escravo contemporâneo há apenas uma tênue separação (Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia, 2013, p.20).

Existe um discurso dominante, demonizador das drogas ilícitas, estigmatizando os usuários e relacionando cartesianamente o uso dessa substância à marginalidade. Os meios de comunicação em massa reproduzem opiniões reducionistas e dominantes sobre o crack, com respostas definidas, aumentando o estigma e o preconceito que atravessam a compreensão dos sentidos das experiências que envolvem o uso dessa droga, associando-a a diversos problemas sociais. Quanto à epidemia, Antônio Nery Filho, em diálogo com Edward Macrae, Maria Eugênia Nuñez e George Gusmão Soares sobre o crack (2013, CETAD, UFBA), esclarece que nos anos 1980 foi anunciada uma epidemia de ácido lisérgico (LSD). Do mesmo modo que não acreditou no uso descontrolado de LSD, não encontra hoje base técnico-científica para o consumo alardeado do crack, opondo-se à ideia de que exista uma epidemia. Teme que se possam referenciar dados epidemiológicos como de um “tsunami de crack”. O autor afirma

ainda que esse “tsunami de crack” acabou sendo adotada por políticos, famílias, pessoal da saúde, segmentos sociais e difundido pela mídia. Essas “epidemias” tornam-se então um modo de ampliar a desinformação ou a informação enviesada, repetindo-se atualmente através do crack.

Recentemente foi realizada uma pesquisa acerca do perfil dos usuários de crack no Brasil pela Fundação Oswaldo Cruz e seus resultados apontaram que, nas capitais do país e no Distrito Federal, existiam, para o ano de 2012, aproximadamente 370.000 usuários de crack e/ou drogas similares. Mais de 90% dos entrevistados apontou a necessidade de atendimento humanizado. A noção de epidemia declarada pela mídia não se sustenta nos resultados da pesquisa, uma vez que apenas 0,81% da população faz uso regular desse psicoativo. O pânico moral que domina o atual debate sobre as drogas no Brasil, através de informações pouco claras sobre epidemias termina por afetar o campo das políticas públicas. Torna-se necessária a consolidação da rede de atenção psicossocial como dispositivo de saúde mental, ampliando a rede intersetorial, respeitando o direito à cidadania e diversidade do cuidado. A pesquisa mostra o quanto o Projeto de Lei 7663/2010 (em tramitação na Câmara dos Deputados) está em contradição com a luta antimanicomial, com as diversidades e diferentes contextos que envolvem os usos de drogas, além do que é proposto pelo Ministério da Saúde enquanto cuidado. O projeto, além de acentuar a criminalização aos usuários e a política repressiva, dispõe a favor das políticas massivas de internação compulsória e à ação de entidades privadas no tratamento a usuários e dependentes de drogas, caminhando na contramão de todas as perspectivas de acolhimento, inclusão social e cidadania, reafirmadas na Reforma Psiquiátrica e no respeito aos Direitos Humanos. Também é necessário lembrar mais uma vez que vivemos em um país laico, portanto, nenhum tratamento ou cuidado pode impor valores religiosos, compreendendo a diversidade de religiões que envolvem nossa cultura.

A experiência humana segue entre tradições, e essas são nossos pressupostos para as criações da ciência. Quando pensamos na ciência que nós construímos enquanto verdade única, podemos esquecer que nós mesmos, em nossas referências morais, criamos essas verdades e as legitimamos como únicas. A verdade de uma experiência é a narrativa daquele que conta sua história, reinventando-a, passeando entre os “degraus” das suas experiências, e não necessariamente informações rápidas e previamente calculadas. A vida não pode ser controlada como um tubo de ensaio, a existência é abertura de possibilidades, cravada em imprevisibilidade, inconstância, impermanência. Então, porque seria diferente com alguém que usa uma determinada substância ou mistura dessas? Estaria essa segregada à desumanidade e

condenada à não-verdade de suas experiências? Ou estaríamos nós excluindo essas pessoas em sua contemplação, irrelevante ao mundo comum? Excluídas da ação política para confirmar nossa verdade, limpeza e moral? Verdades essas que foram construídas por nós através de nossas tradições e infiltradas em nosso domínio privado numa delicada imposição midiática e lucrativamente patrocinada. As intervenções pautadas na exclusão social consideram aspectos unicamente da droga em si para criar estratégias de intervenção a pessoas complexas, humanas e singulares. Esses documentos importantes para o respeito aos direitos humanos das pessoas que usam substâncias esclarecem que:

A abstinência não pode ser, então, o único objetivo a ser alcançado. Aliás, quando se trata de cuidar de vidas humanas, temos de, necessariamente, lidar com as singularidades, com as diferentes possibilidades e escolhas que são feitas. As práticas de saúde, em qualquer nível de ocorrência, devem levar em conta esta diversidade. Devem acolher, sem julgamento, o que em cada situação, com cada usuário, é possível, o que é necessário, o que está sendo demandado, o que pode ser ofertado, o que deve ser feito, sempre estimulando a sua participação e o seu engajamento (MS, 2004).

3. Metodologia

3.1 Gadamer e a Fusão de Horizontes

O significado das drogas esteve e está implicado em diversos preconceitos, que procuraremos compreender a partir da hermenêutica filosófica de Gadamer (2011). O filósofo acredita não ser necessária a luta contra os nossos preconceitos, uma vez que os mesmos estão inseridos dentro de nossa forma de conhecer o mundo e de nos situarmos nele, o que chama de tradição. A tradição deve ser colocada em questão em um horizonte de construção de novos sentidos, em conversações presentes todas as vezes que entramos em diálogo, nos jogos de linguagem dentro da tradição em questão, seja em relação a outros seres humanos na linguagem falada ou na produção literária na linguagem escrita. Portanto, o elemento fundamental nessa proposta é a linguagem em seu caráter de comunicação de sentidos e ação política / social. Os governos Federal, Estadual e Municipal têm se implicado com a questão do crack através de planos específicos para essa droga, em que legislam sobre prevenção e tratamento, além de destinarem uma grande oferta orçamentária. Outra instituição fundamental nesse processo, além de ser política / socialmente detentora de forte influência e poder é a mídia. Logo, é fundamental em qualquer reflexão sobre as drogas, em particular sobre o crack, o exame do que a mídia vem produzindo sobre essa temática.

O significado original de tradição remete à transmissão de geração em geração, provindo do latim *tradere*, significando “passar adiante”. Gadamer compreende que a tradição e a razão não podem ser consideradas dicotomicamente, pois os preconceitos são inseparáveis da tradição, ambos revelam o passado, que não deixou de existir. Os preconceitos não são ideias falsas ou errôneas, estão nos nossos entendimentos, estamos inseparáveis da cultura do mundo em que somos lançados, porém, quando transmitimos não apenas repetimos, também re-elaboramos. Não existindo uma ideia de neutralidade para os atos de interpretação, compreendemos que esses acontecem dentro da tradição. Segundo Gadamer (2011) a tradição determina nossas instituições e atitudes, justificando-se além da racionalidade. Além disso, definimos o que é racional dentro dos parâmetros tradicionais, a razão e as crenças são transmitidas no contexto da tradição.

Os significados nunca serão completos, jamais conseguiremos obter uma verdade em sua total realidade, pois ela é buscada nos atos de interpretação, dialogicamente. Todo entendimento é dialógico, o passado não deixou de existir, ele está presente nas nossas compreensões sobre a verdade. O passado continua na tradição comum do presente, e ambos

são re-trabalhados na compreensão de homem e mundo como inseparáveis, constituídos simultaneamente. As verdades são interpretações, e essas são históricas, portanto, a verdade não é estavelmente fixa. A verdade é relativa e pode ser modificada, ao compreendermos o mundo através da conversação constante entre passado e presente, pois tudo que é transmitido é reelaborado, como já comentamos.

A verdade pode ser elaborada de diversos modos, e não apenas nos conhecimentos cientificamente validados pelo método. Podemos encontrar expressões de verdade na arte, poesia, linguagem, entre outros entendimentos históricos. A autoridade do método deve ser questionada na medida em que pode encobrir a verdade em seus variados modos de desocultação. Nunca conseguiremos escapar da tradição nos modos de buscar a verdade, inclusive pelo método. Aprendemos a construir e acreditar na ciência cartesiana através das nossas tradições e conceitos condicionados a preconceitos, aprendidos no diálogo constante entre passado, presente e futuro, envolvendo pré-concepções fundamentadas na cultura e na história. O diálogo acontece em uma teia de relações que nos preexiste e nos envolve, somos parte do que buscamos enquanto verdade. Todo entendimento é interpretação, pois estamos no mundo compreendendo, em uma atitude pré-reflexiva que envolve constante dinâmica. Esse filósofo compreende que o entendimento e a interpretação são, na realidade, a mesma coisa.

Enquadrar a experiência humana em padrões ou significados isolados é um modo de obstruir outras compreensões também verdadeiras, implicadas em um todo complexo e histórico. A verdade da experiência não é algo imutável, mas diretamente relacionado a mudanças. Através da fusão de horizontes ampliamos nossos horizontes para receber os do outro e tentamos, juntos, criar sentido na conversação dialógica. Esse sentido não está à parte de nossos preconceitos ou tradições, pois no diálogo o passado torna-se presente de um modo diferente, pois me disponibilizo para compreender outros horizontes e tradições, na conversação, partindo da compreensão que a verdade não é universalizante, mas plural e singular. “A verdade, como Gadamer descreve, é da variedade hermenêutica com sua capacidade de surpreender e frustrar expectativas, ao invés de passivamente confirmá-las. A verdade é revelação, aquilo que se manifesta no encontro entre o familiar e o desconhecido” (Lawn, 2007, p.87).

As hermenêuticas filosóficas resgatam as verdades descartadas pela modernidade, por não oferecerem padrões estáticos e cartesianos. Somos dentro da tradição e inseparáveis dela, somos também possibilidades esquecidas pelo método. As hermenêuticas filosóficas não

possuem como objetivo substituir o método, porém, aproximação com novos modos de experimentar a verdade, além dos ditames que se opõem entre “bom” ou “ruim”, “certo” ou “errado”. O universo hermenêutico preocupa-se com o modo como experimentamos, compreendendo que o imprevisível constitui o ser homem e a verdade ultrapassa o controle do método científico. Busca-se a compreensão do todo na teia de relações, partindo da compreensão das verdades enquanto históricas, mutáveis, construídas na fusão de horizontes. Compreender e interpretar textos não são atos reservados apenas para a ciência, mas à experiência do homem no mundo, pois a ciência não é a única detentora da verdade, ela também possui limites.

Não é só porque a tradição histórica e a ordenação natural da vida constituam a unidade do mundo em que os homens vivem; o modo como experimentamos uns aos outros, como experimentamos as tradições históricas, as ocorrências naturais de nossa existência e de nosso mundo, é isso que forma um universo verdadeiramente hermenêutico. Nele não estamos encerrados como entre barreiras intransponíveis; ao contrário, estamos sempre abertos para o mundo (Gadamer, 2011, p.32).

Essa compreensão de mundo e homem não busca generalizar, nem confirmar legalidade, mas compreender o fenômeno na sua historicidade e singularidade, como na experiência da filosofia, da arte e da própria história: experiências de verdade que ultrapassam a metodologia científica. Na experiência da tradição histórica, da obra de arte e da filosofia podemos encontrar expressões de verdade que não poderiam ser desocultadas através de outros meios, mas que se tornaram rejeitadas pela ciência enquanto verdade por não possuírem em suas raízes a realização de progresso através da mensuração, generalização, ou da necessidade de provar causas e efeitos, transmitindo verdade enquanto experiência hermenêutica.

Desse modo, torna-se necessário destacar que em nossa pesquisa a verdade é experiência e compreensão, questionamos a ciência sem descartá-la, mas não é necessário que algo seja mensurado cartesianamente para ser compreendido como verdade. As narrativas estão fundamentadas na experiência em um tempo outro, não cronológico, e não na informação. Estamos abertos para o mundo, compreendendo e interpretando, e não são necessárias definições e padronizações para que as experiências sejam verdadeiras, compreendendo o fenômeno em sua dimensão singular e histórica.

A fusão de horizontes é como um jogo de linguagem, Gadamer (2011) compreende que o vaivém do movimento do jogo:

“Se produz como que por si mesmo. Faz parte do jogo o fato de que o movimento não somente não tem finalidade nem intenção, mas também não exige esforço. Ele vai como que por si mesmo. A leveza do jogo, que não precisa necessariamente significar uma real falta de esforço, aludindo apenas para o fenômeno da ausência de tensão. (Gadamer, 2011, p.158).

Outrossim, compreendemos a aproximação entre o jogo e a arte, devido à sua constante renovação sem esforço. Quando há fusão de horizontes não há necessidade de tensas competições argumentativas, as verdades se unem em um novo encontro, em novas experiências, re-interpretando o passado e lançando novas possibilidades compreensivas.

Hans-Georg Gadamer foi aluno de Martin Heidegger, e muitas de suas compreensões tiveram como inspiração seu pensamento. Heidegger (2009) questiona sobre o sentido do ser, mostrando que o pensamento científico ocidental não consegue se aproximar do ser homem. Ele nega a existência de um psiquismo, “eu”, ou algo que substancialize a existência humana, pois o ser é poder-ser e a existência é abertura de possibilidades, o “ser-af” encontra-se lançado no mundo em abertura ao inusitado. A compreensão precede a interpretação, toda interpretação requer uma compreensão fática de mundo, uma visão prévia, um preconceito. A compreensão do ser não se trata de sistemas explicativos ou determinantes. Outrossim, não buscaremos patologizar a experiência humana a categorias fechadas, explicativas, causalistas. O autor também compreende que existir consiste em meras possibilidades, pois o existir como *Da-sein* ou ser-no-mundo é poder-ser, abertura de possibilidades, jamais passível de objetivação.

Heidegger (2001) esclarece sobre o pensamento calculante e meditante. Nesse o homem não se aprisiona apenas em um aspecto das coisas, nem em representações, refletindo sobre elas, isso requer grande esforço. Naquele o homem acredita na razão enquanto perfeição, prevendo e controlando as coisas à sua volta. O filósofo não compreende ser necessário o abandono do pensamento calculante, pois ele encontra-se presente no cotidiano das nossas vidas, mas através de uma atitude serena compreende que podemos dizer “sim” e “não” à técnica, mantendo a abertura ao segredo.

Somos lançados em um mundo inóspito, numa atitude não escolhida, constituídos enquanto pré-compreensão, pois homem e mundo são co-originários, e não separados dicotomicamente como homem e objeto. A existência humana é abertura originária, a angústia remete o homem à sua singularidade e às possibilidades de seu poder-ser, voltado para fora, ec-

sistencialmente. O ser-aí (*Dasein*), lançado no mundo, constitui-se como ser-no-mundo, ser-com-os-outros e ser-para-a-morte.

Existem dois modos de existência: própria (autêntica) e imprópria (inautêntica). A impessoalidade (inautenticidade) e pessoalidade (autenticidade) não são estágios hierárquicos dentre o quais evoluímos, não há um “verdadeiro self” a ser alcançado, nem oposições a “falsos selfs”, mas possibilidades existenciais em jogo a cada momento do existir. O ser-aí se constitui como um ente aberto a possibilidades, raramente de modo próprio, mas no jogo entre a propriedade e impropriedade cotidiana. A estrutura ontológica da existência humana enquanto pré-compreensão nos remete ao modo impróprio na maior parte de nossas vidas.

4. Discussão dos dados

4.1 O uso de crack na mídia: um violento atravessar

As notícias analisadas nesse capítulo foram selecionadas a partir das palavras-chave: crack, morte, violência e roubo, no site de notícias NE10, através de diversas fontes jornalísticas, no decorrer dos anos 2012 e 2013. Buscou-se selecionar as notícias que possuíam um vínculo mais estreito entre violência, morte, roubo e crack, pesquisando as que relacionavam o uso à marginalidade, portanto, essa foi uma premissa para a pesquisa intencional. Não intencionamos deslegitimar a mídia, mas mostrar nossa interpretação enquanto mais um modo de construir verdade, partindo do pressuposto da verdade enquanto interpretação. Observamos que mídia tem o poder de adentrar sutilmente no espaço privado, firmando o preconceito relacionado aos usuários de crack nessas notícias pesquisadas, portanto, não buscamos generalizar.

Escolhemos as publicações do site NE10 para exemplificar o modo como a mídia estigmatiza, através de estereótipos de violência, pessoas que usam crack. O NE10 é o Portal do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação, reúne publicações de diversos jornais, além de seu conteúdo próprio. Sabemos que a mídia pode se tornar um instrumento promotor de saúde quando utilizada com respeito à diversidade. Encontramos pouco espaço para a pluralidade devido à opinião unificada voltada para a repressão, que gera relevante interesse público.

As notícias pesquisadas possuem coerência em seu modo de compreender, entretanto, não há preocupação em contextualizar os diferentes tipos de uso de crack, nem diferenciar uso de dependência química, tampouco distinguir uso e tráfico de drogas. O modo como a mídia propagandeia e estigmatiza as pessoas que usam crack, sem qualquer diferenciação entre os distintos modos de se posicionar no mundo enquanto diversidade e natalidade contribui com a marginalização às pessoas que utilizam essa droga. O pânico moral disseminado por tais meios de comunicação em massa podem ser observados sem qualquer dificuldade. Os jornais possuem grande poder de opinião, inclusive quando discutimos sobre políticas públicas.

Acreditamos que vem paulatinamente se estabelecendo uma separação, um afastamento, quase um colocar-se em campos opostos político/social usuários e não usuários. Diante disso, compreendemos que as drogas por si só não criam sentidos, portanto, criar uma guerra contra algumas drogas também é atingir as pessoas que fazem uso dessas substâncias, como comentamos em outro momento deste trabalho. Portanto, procuraremos analisar a concepção de

uso, dependência, sentido/significado, além dos aspectos políticos/sociais implicados no uso de crack.

A mídia é um importante meio de comunicação nos dias atuais, além de grande produtora de opiniões. Diversas são as notícias que relacionam o uso de crack a roubos, violência e mortes. Quando se trata de imagens podem-se encontrar fotos de pessoas em situação de precariedade, imagens da crackolância ou lugares extremamente escassos em relação à saúde pública. A ideia torna-se homogênea: as pessoas que usam de crack (usuários e dependentes, sem distinção) estão em situações de abandono. Essa é a imagem comum vivenciada pelos expectadores através da mídia em geral.

Mastroianni (2006) citada por Noto, et.al. (2013) entrevista profissionais da área jornalística, buscando suas opiniões sobre a cobertura frente à temática das drogas, divulgando que a maioria dos jornalistas alega a associação dessa temática à criminalidade e violência. Encontra-se na entrevista a afirmação dos jornalistas sobre frequentes alterações de manchetes, visando torná-las mais atrativas, desdobrando-se no aumento das vendas dos jornais e revistas, além das suas preferências pelo modelo da repressão. Compreendemos que essa preferência torna-se reflexo da opinião e das políticas públicas, alguns entrevistados dessa pesquisa citada também confirmam que a prática jornalística reforça o pensamento repressivo dominante, admitindo frequentes distorções de informações, devido ao ritmo acelerado na produção de matérias. Essas matérias tendenciosas, geradoras de medo e terror, tornam-se referência para a opinião pública e a criação de políticas públicas.

A opinião jornalística reflete a associação entre drogas e violência, sem critérios mínimos para especificar padrões de consumo. A Agência Nacional dos Direitos da Infância (ANDI), citada por Noto, et.al. (2013) analisou textos jornalísticos sobre drogas entre 2002 e 2003 e observa que 28% deles associaram o tema drogas com algum tipo de violência ou crime. Portanto, compreende-se que as matérias jornalísticas dificultam a promoção da pluralidade e de ação política, adentrando o domínio privado com opiniões estigmatizadoras que perturbam uma eficiente promoção à cidadania e à saúde, promovendo preconceitos diversos que afetam também os profissionais de saúde acerca do cuidado. Talvez o mais comum desses preconceitos seja centrar todas as possibilidades de cuidado em apenas uma: a abstinência. Isso efetiva a opinião de Hannah Arendt quando afirma que a ação humana está sendo deslocada do espaço público para o espaço privado.

25/04/2012, do “JC online”: Um bebê de 26 dias foi atingido com uma tesoura nas costas pelo pai. O incidente aconteceu na madrugada desta quarta-feira (25), em Paulista, durante uma discussão entre os pais da criança, um jovem de 19 anos e uma adolescente de 14. Segundo a polícia, a briga teria sido causada por motivos ligados a drogas, uma vez que o pai é viciado em crack. O bebê foi encaminhado para o Hospital da Restauração (HR), no Derby, área central do Recife, onde está sendo acompanhado pela equipe de emergência pediátrica do hospital. Seu estado de saúde é considerado estável. Segundo policiais, a mãe segurava o bebê no colo quando o marido tentou agredi-la com o objeto e acabou atingindo a criança. De acordo com informações da assessoria de imprensa do HR, o ferimento foi superficial mas, por medidas de segurança, a criança irá passar por um exame de raio x ainda nesta manhã para verificar se algum órgão foi atingido. No momento, o pai da criança encontra-se foragido. Disponível em <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/policia/noticia/2012/04/25/bebe-e-atingido-por-tesoura-nas-costas-pelo-pai-40195.php>>. Acesso em 01/01/2014.

O jornal afirma que: “Segundo a polícia, a briga teria sido causada por motivos ligados a drogas, uma vez que o pai é viciado em crack”. Desse modo, compreendemos que a notícia buscou uma relação entre o uso de crack e a briga.

03/06/2012, do “JC online”: Um jovem foi assassinado, no início da tarde deste domingo (3), em Santo Amaro, área central do Recife, a menos de 500 metros da delegacia de polícia do bairro. Gerson do Espírito Santo estava sentando no banco da Praça do Velório, como o logradouro é conhecido, próximo ao Cemitério Senhor Bom Jesus da Redenção, quando um homem se aproximou em uma bicicleta e, à queima roupa, efetuou um disparo. O tiro atingiu o rosto da vítima e transfixou pela nuca. Segundo o relato de testemunhas a policiais militares, o acusado, no momento da abordagem, chamou Gerson de “tarado”, disparou e depois fugiu calmamente de bicicleta. A vítima não portava documentos. No local do crime, além da mancha de sangue, havia um cachimbo improvisado com um carretel de linha e várias pedras de crack dentro de uma sacola de plástico. De acordo com o soldado Moisés Delfino, do Grupo de Apoio Tático Itinerante (Gati), Gerson era conhecido em Santo Amaro por perambular pelas praças do bairro e traficar droga. Dependente químico, o rapaz tinha histórico de pequenas confusões. A polícia trabalha com a hipótese de execução motivada por vingança. “Pelo fato de o acusado ter chamado a vítima de tarado, a gente acredita que o crime tenha sido motivado por algum acerto de contas. O rapaz também era usuário de crack, o que reforça a suspeita”, contou

o policial. O crime ocorreu bem próximo ao Instituto de Medicina Legal (IML), para onde o corpo de Gerson foi levado. Disponível em <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/policia/noticia/2012/06/03/homem-assassinado-perto-de-delegacia-44238.php>>. Acesso em 10/01/2013.

Não houve preocupação em diferenciar dependência química, uso ou tráfico de drogas. Os termos foram mesclados durante a notícia. A suspeita foi reforçada pelo uso de crack, de acordo com a matéria, entretanto, fala-se também em tráfico. O fato de alguém ser usuário de crack reforça a suspeita de ter cometido um assassinato? A própria legislação esclarece diferenças entre usuário e traficante e propõe diferentes medidas a serem tomadas nos diferentes casos. Portanto, torna-se necessário uma compreensão mais complexa acerca dessa temática.

26/10/2012, da “Agência Estado”: A norte-americana Renne Murdoch, de 44 anos, está internada em estado grave no Hospital Municipal Miguel Couto, no Rio de Janeiro, com traumatismo craniano, após ter sido agredida na manhã desta sexta-feira (26) na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio. Renne mora no Rio há 12 anos, onde faz trabalho missionário com o marido, o pastor Philip Murdoch, fundador da Igreja Luz às Nações (Ilan). O casal possui quatro filhos. A assessora da Ilan, Hanna Martins, afirmou que Renne foi agredida com um pedaço de madeira quando caminhava próximo à orla. A Guarda Municipal disse à assessora que Renne ficou desacordada e foi encaminhada ao hospital. Segundo a Secretaria Municipal de Saúde, Renne passou por uma cirurgia e permanece no Centro de Terapia Intensiva. De acordo com informações da 16ª Delegacia de Polícia (Barra da Tijuca), o morador de rua Alexandre Luís de Oliveira Francesco, de 38 anos, foi preso em flagrante e autuado pelo crime de tentativa de homicídio. Ele estava depredando um quiosque quando a vítima passou por ele e foi agredida. Ainda conforme informações da delegacia, não há confirmação de que o morador de rua seja usuário de crack, e ele aparentava sintomas de deficiência mental. (<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/brasil/noticia/2012/10/26/missionaria-dos-eua-e-agredida-na-orla-da-barra-da-tijuca-61605.php>). Acesso em 22/03/2013.

Tornou-se tão justificável a relação entre uso de crack e violência que o jornal finaliza a notícia sobre um crime de tentativa de homicídio afirmando que não há confirmação sobre o uso de crack pela pessoa presa em flagrante, sem que nada sobre o uso de crack fosse

comentado anteriormente, como se houvesse sempre essa relação, marginalizando e estigmatizando os usuários de crack.

04/05/2013, do “JC online”: Corpo de mulher é encontrado no Rio Capibaribe. De acordo com o CB, a mulher aparentava ter cerca de 30 anos, era morena, tinha cabelos crespos e estava vestindo uma calça jeans. O corpo de uma mulher ainda não identificada foi encontrado na manhã deste sábado (4), no Rio Capibaribe, nas proximidades do Instituto de Identificação Tavares Buriel, na Rua da Aurora, área central do Recife. Moradores da região informaram que mulher era prostituta e viciada em crack. Ainda não se sabe o que teria causado a morte dela. Segundo informações do Corpo de Bombeiros (CB), a mulher aparentava ter cerca de 30 anos, era morena, tinha cabelos crespos e estava vestindo uma calça jeans. De acordo com a Polícia Militar (PM), pescadores da área encontraram o corpo e acionaram a corporação por volta das 6h30. Além do CB e da PM, estiveram no local o Instituto de Criminalística (IC), que fez a perícia no corpo, e o Instituto de Medicina Legal (IML), que recolheu o cadáver por volta das 9h30. Disponível em < <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/noticia/2013/05/04/corpo-de-mulher-e-encontrado-no-rio-capibaribe-81917.php> >. Acesso em 29/08/2013.

Diante dessa notícia nos questionamos: qual a necessidade de dizer que os moradores informaram que a mulher era “viciada” em crack e prostituta? Essas informações poderiam contribuir na investigação? É importante ressaltar que a palavra “vício” está impregnada de estigmas, segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda (1986), vício é “um defeito grave que torna as pessoas ou coisas inadequadas para certos fins ou funções; inclinação para o mal; costume de proceder mal; desregramento habitual, conduta ou costume censurável ou condenável, libertinagem, devassidão, prática de mau hábito, em especial de bebidas alcoólicas, de drogas.” Segundo a mesma fonte, viciado é aquele “que tem vício ou defeito, corrupto, impuro, falsificado, adulterado.” Portanto, compreendemos o quanto essa palavra marginaliza as pessoas que consomem drogas, seja uso recreativo, habitual, problemático ou dependência química.

06/05/2013, da “Agência Estado”: Um homem de 19 anos foi preso, na noite do domingo (5) no Rio de Janeiro, acusado de ter degolado o próprio filho, de 1 ano, com um pedaço de telha de amianto. O crime ocorreu na Favela do Batan, em Realengo, zona oeste, que possui uma

Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). O corpo do menino, identificado como Lucas de Oliveira, foi encontrado por policiais da UPP num matagal próximo à Rua Itajaí. O pai do bebê, Diogo Luiz da Silva Felipe, foi localizado com as mãos ainda sujas de sangue. Segundo a polícia, ele teria confessado o crime. Diogo seria usuário de crack. Disponível em <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/mundo/brasil/noticia/2013/05/06/homem-e-presos-acusado-de-degolar-o-filho-de-um-ano-no-rio-de-janeiro-82068.php>>. Acesso em 10/10/2013.

Qual a relação entre o assassinato do filho e o uso de crack? A notícia não esclarece, descreve um pai que assassinou o filho e, ao final, declara que o pai era usuário de crack. Essa notícia deixa evidente o quanto a mídia coloca o crack no lugar de marginalidade e o contextualiza em situações de violência.

14/05/2013, do “JC online”: Um rapaz foi assassinado dentro de um carro roubado às margens do canal do bairro do Ipsep, Zona Sul do Recife, na noite dessa segunda-feira (13). Renan Fabrício Soares, de 19 anos, foi encontrado dentro de um gol vermelho na Rua Rio Oceânico. Segundo a Polícia, ele roubou o veículo com a ajuda de dois comparsas. Renan e os dois companheiros estavam no Gol no momento do crime. A Polícia acredita que os bandidos se desentenderam e um deles atirou em Renan. O rapaz foi baleado na nuca e morreu no local. Ele foi encontrado no banco do passageiro do veículo, por volta das 21h. Dentro do carro, foram encontrados uma faca e uma pedra de crack. Uma bolsa feminina também estava no Gol e deve pertencer à proprietária do veículo. No Instituto de Medicina Legal (IML), o avô de Renan, Roberto Soares, de 61 anos, confessou que o rapaz era usuário de drogas. Ele morava na comunidade Dancing Days, no bairro do Ipsep. Disponível em <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/policia/noticia/2013/05/14/homem-e-assassinado-dentro-de-carro-roubado-no-ipsep-82978.php>>. Acesso em 19/09/2013.

Nesse caso, o fato de ser usuário de drogas justificaria o caso? O jornal não teve o mínimo cuidado para categorizar e diferenciar o tipo de usuário, descrevendo também a faca e a pedra de crack em parceria, como dois instrumentos de violência. Qual a intenção de enfatizar esses dois objetos? A estigmatização dos usuários de crack relaciona a violência ao uso, com critérios mínimos de diferenciação entre usuário e dependente, além de confusão entre esses dois e o tráfico. Notícias desse tipo chegam diariamente ao domínio público através de definições estereotipadas sobre pessoas que usam crack, tornando-as expurgadas da ação política. Naturaliza-se o crack à violência.

10/07/2013, do “NE10”: Dois menores suspeitos de assaltar e roubar duas armas de um policial federal na segunda-feira (1) passada, foram apreendidos pela Polícia Federal (PF) com apoio do Grupo de Apoio Tático Itinerante (Gati) da Polícia Militar. Os adolescentes de 15 e 16 anos foram reconhecidos com ajuda de câmeras de segurança próximas ao local do assalto. Com eles também foram encontradas 25 pedras de crack.” Disponível em < <http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/grande-recife/noticia/2013/07/10/dois-menores-sao-apreendidos-por-assalto-a-policial-federal-430033.php> > Acesso em 01/02/2014.

Podemos perceber a relação direta entre o assalto e as pedras de crack, senão, qual o motivo de dizer que as pedras de crack foram encontradas pelos adolescentes que realizaram o assalto? Não havia mais nada na bolsa, além do crack, para relacionar ao assalto?

19/07/2013, do “Núcleo SJCC/Caruaru”: Corpo de homem é encontrado dentro de carro no Sertão. Um homem foi assassinado, por volta das 21h, na Rua José Emídio Nunes, no bairro São Cristóvão em Serra Talhada, no Sertão de Pernambuco, nesta quinta-feira (19). De acordo com a Polícia, Luís Carlos Chagas, de 29 anos, foi morto com vários tiros. A vítima foi encontrada dentro de um carro junto com três pedras de crack, oito estojos de munição nove milímetros e três cartuchos de espingarda calibre 12. A investigação ainda não tem informações sobre a autoria e motivação do crime. Disponível em < <http://ne10.uol.com.br/canal/interior/sertao/noticia/2013/07/19/corpo-de-homem-e-encontrado-dentro-de-carro-no-sertao-431823.php> > Acesso em 03/03/2014.

Nesse caso, o crack é encontrado e divulgado como um instrumento de violência, assim como os estojos de munição e os cartuchos de espingarda, caso houvesse uma diferente compreensão sobre as múltiplas facetas dos diferentes usos de crack, em diferentes contextos, seria esse divulgado junto às armas? Qual a intenção do jornal em divulgar a apreensão do crack junto a elas? Antes da existência do crack a violência já existia, e o uso do crack é atravessado pelo contexto, desse modo, compreende-se que um contexto de violência pode implicar em relações violentas, com qualquer droga, ou sem, assim como um uso integrador pode implicar relações integradoras, com drogas, ou na ausência delas.

Dentre as notícias percebemos que a palavra “droga” é naturalizada, relacionada diretamente às drogas ilícitas. As lícitas são esquecidas. O estigma de “drogado” é recortado e

colado a usuários de drogas ilícitas, principalmente quando relacionado ao uso de crack. O discurso gira em torno da ideia de que as drogas matam, devendo ser proibidas. Como afirma Corrêa, “A noção de droga utilizada nas práticas proibicionistas só se sustenta a partir de uma perspectiva moralista” (2010, p. 172). O autor destaca que esse argumento é bastante forte, e que em determinado limite o uso dessas substâncias, é claro, também podem levar à morte. Porém, declara que no Brasil o número de mortes por hipertensão e diabetes é bem maior, pois cada pessoa é tocada de maneira diferente por uma substância.

4.2 A voz dos usuários (as) e/ou dependentes de crack

As entrevistas semi-estruturadas foram iniciadas após a leitura e assinatura dos participantes no termo de consentimento livre e esclarecido, de modo voluntário. O início da entrevista ocorreu a partir da seguinte pergunta disparadora: como você compreende sua experiência em relação ao uso de crack? A colheita de narrativas teve como pressuposto as compreensões de Benjamin (2012). Segundo o autor, a narrativa é uma fonte de resgate do vivido, pois narrar uma experiência é muito mais que descrever informações. A narrativa é uma forma artesanal de comunicação, não está interessada em transmitir o “puro em si” através de explicações, também é diferente da informação, que apenas tem valor quando recente. Através das narrativas a experiência transita e expande-se para a elaboração e criação de sentidos, narrar é muito mais que descrever fatos, entretanto, a arte de narrar, intercambiar experiências, está em vias de extinção (Benjamin, 2012). O autor também compreende que, ao narrar, o narrador se move para cima e para baixo nos degraus da experiência, sendo essa a matéria-prima da narrativa. Como numa escada que chega até o centro da terra e se perde nas nuvens, a narrativa registra a experiência plural, única e atemporal.

A pesquisadora também tomou como postura, ao dirigir-se ao campo, a hermenêutica filosófica de Gadamer, através do constante diálogo com os sujeitos participantes. A análise dos dados será realizada a partir da fenomenologia existencial de Heidegger e da obra de Arendt, em seu aspecto político/social. Os nomes dos entrevistados foram alterados para nomes gregos, buscando que o sigilo fosse respeitado.

ABNARA: “A minha experiência com o uso do crack, eu me lembro como se fosse hoje, eu comecei a usar em 2006, então no caso faz sete anos que eu faço o uso controlado do crack, não é um uso desequilibrado, entendeu? Se eu comprar uma pedra de crack e fumar eu não fico naquela ansiedade, naquele desespero que muitos viciados ficam para querer outras mais, e mais e mais, e vendem roupas e tudo que tem para comprar. Simplesmente eu compro uma pedra, fumo, e me sinto super satisfeito. É um uso que eu faço desde 2006. Foi muito forte, assim, eu tive um impacto, não só momentos bons ali do uso, mas também momentos ruins, esses momentos ruins foram momentos de reflexão. Teve um momento que eu estava usando pra poder fazer alguma atividade que eu precisava de concentração, certo? E aí eu fiquei muito mal...eu não realizei o trabalho com sucesso e daí eu fui analisando em qual momento eu poderia usar ou não. Não é em qualquer lugar que eu me sinto bem para usar, eu me sinto bem para usar em lugares que eu esteja com pessoas de confiança que entendam o que eu estou fazendo sem olhar para mim e me julgar de uma forma...me julgar assim de uma forma totalmente medíocre, entendeu? E assim...bem isolado, num lugar bem...digamos...um lugar fechado. O porquê disso? Justamente por causa do preconceito. A maioria das coisas que acontecem: violência, muitas coisas que a gente vê hoje em dia na mídia caem para cima do crack, o povo diz: ah... porque é o crack, tudo é o crack! Sinceramente eu não acho que tudo seja o crack. Hoje em dia muita coisa que a mídia fala...ah... isso foi relacionado ao crack, o crack destruiu isso...eu não acho isso certo, está? Existe sim muitas pessoas que se desequilibram, que desandam mesmo suas vidas, assim...gastam muita grana, vivem em alto flagelo. Eu não entendo o porquê disso eu não sei.”

“Eu uso e já teve dias de usar sem parar, por dias, entendeu? Mas com uma consciência, se eu disser que não quero mais usar, que não vou mais usar, eu não vou usar e pronto, que nem eu to com um dinheiro aqui na bolsa e hoje eu tava afim de fumar, e tenho como conseguir, eu tenho como ligar para conseguir, mas eu não quero, entendeu? Hoje eu não quero...aí assim...isso é meio que um resumo assim do que eu acho em relação ao uso do crack. Hoje é muito difícil as pessoas aceitarem que existe um uso controlado, realmente eu entendo...muitas famílias traumatizadas por familiares que começaram no vício e terminaram de forma trágica, mortos, por dívida ou por roubo para comprar crack, e também muita gente acha que muitos roubos, muitos furtos são para roubar o crack, às vezes nem é, entendeu? Às vezes nem é...mas assim eu uso desde 2006 e assim...nunca tive problema em relação ao uso do crack, problema nenhum...”

“É uma coisa boa, uma sensação muito boa que você não encontra em nenhum outro lugar, em nenhuma outra droga, em nenhuma bebida. Primeiro vem uma sensação de dormência para mim, meu corpo fica dormente muito rápido e...eu fico bem...fico muito pensativo...é incrível...tem gente que usa para uma farra, para uma loucura, mas toda vez que eu uso fico pensativo, fico analisando as pessoas, assim...meu deus do céu é uma sensação tão boa, por que as pessoas tem que cometer tantas coisas para poder usar isso? Por isso que eu não concordo com o que a mídia fala, com o que a política fala...entendeu? Porque é uma sensação que me deixa bem, me deixa eufórico...agora isso também dependendo do ambiente, como eu falei...tem que ser um ambiente fechado, um ambiente em que eu não me sinta desconfortável.”

“Eu nunca precisei de tratamento, mas já me senti super deprimido depois do uso do crack, quando eu estava em um ambiente super baixo astral, com pessoas que eu não conhecia bem...e aquilo ali não me deixou confortável, e aquilo ali me deixou baixo astral...não digo nem deprimido...eu fiquei baixo astral, desconfiado, sabe?”

“Falar mesmo assim da sensação, descrever ela é muito difícil, muito difícil mesmo, mas assim é uma coisa sabe? Uma sensação de bem estar, para ser sincero eu fico com muita vontade de transar também, quando eu fumo, muito, muito a fim de transar, é como se fosse um estimulante, entendeu? Aí pronto...assim...o que eu tenho a descrever é isso...é uma droga que me deixa sensível, ela ataca meus sentimentos onde estiver mais aflorado assim...se for para estar com uma pessoa namorando, eu fico na *vibe* de namorar, de transar, também se estiver numa roda de amigos e tal que usarem, entende? Tenho aquela sensação de bem estar. A sensação do crack me deixa muito feliz, dormente...e fico muito pensativo...fico analisando as pessoas, cada gesto, cada pessoa eu analiso muito, não analisando falando sabe? Pensando mesmo, entendeu?”

“Comecei a fumar em 2006 e fiquei dois anos sem fumar, não por nada de mal que aconteceu, mas eu estive muito ocupado e não tinha muito tempo de ter sem acesso.”

“Não existe um intervalo certo sabe? Mas assim...tipo...uma vez na semana...uma vez no mês...tanto faz sabe? Depende do meu momento, depende de como eu me sinto, é uma droga que...eu sou usuário de maconha e uso maconha quase todos os dias...uso maconha quando estou feliz, quando estou triste...e isso não me afeta em nada, ela sempre faz os mesmos efeitos de sempre, não influencia em nada nos meus sentimentos. Já o crack eu tenho essa consciência

de que eu tenho que estar muito bem para usar, se eu estiver só, deprimido, ele não vai em ajudar, mas também não vai me devastar. É uma droga que tem que ser respeitada, entendeu?”

“Em relação à mídia, sinceramente, eu acho uma coisa muito precipitada sabe? Esse lance deles falarem que se você usar uma vez você vai ficar dependente, você vai roubar, você vai matar. Eu acho isso totalmente absurdo, entendeu? Porque eu conheço pessoas que você nem imagina e já usaram, e usaram só uma vez para experimentar, e falaram com sinceridade: É uma coisa boa que eu gostei, mas não quero, não ficarei viciado. A mídia tenta assustar, o porquê disso não sei. Eu entendo por certa parte, tipo...é uma droga pesada, entendeu? É uma droga que causa dependência, mas vai de cada um, entendeu? Vai de cada um, do espírito de cada um...e tipo...não existe esse lance, esse negócio de você usar uma vez e já ficar dependente, comigo mesmo não foi assim.”

“Eu já escutei vários depoimentos de amigos, pessoas conhecidas que ficaram em situação completamente devastante. E eu me permiti conhecer o crack até para entender essas pessoas, e hoje eu entendo. É uma droga muito forte que pode viciar muito rápido, mas pode sim existir o uso controlado. Eu não posso falar por ninguém, eu só posso falar por mim, eu sou uma pessoa que eu usa há sete anos e nunca roubei ou matei para usar crack, nunca deixei de cumprir meus compromissos por causa do uso do crack. Já senti dificuldade, como eu já disse, para fazer algumas coisas, tipo, uma hora antes do trabalho eu ir fumar um baseado de crack...”

“Eu acredito que pode haver o uso controlado do crack, eu acho até que não existe um programa de uso controlado por conta das bombardeações da mídia, da política mesmo...até por conta do país que a gente vive não é? Porque eu tenho certeza que lá fora, nos outros países, outras pessoas possam ter o uso controlado. É muito difícil, mas eu acredito que pode haver sim um uso controlado, um uso controlado até para tratamento de dependentes, entendeu?”

“Todo mundo sabe que eu sou usuário de maconha, na verdade sou dependente de maconha. E um dia estava conversando com minha mãe e ela perguntou se eu já havia usado crack, e eu falei sim...e ela ficou surpresa assim: não acredito, você já usou crack? E eu disse que já usei sim e que tenho digamos assim...força para poder não entrar em um vício extremo, devastador...e expliquei a ela que não era bem assim como as pessoas falam, que elas criaram um bicho de sete cabeças em relação ao crack, e eu expliquei a ela que não é bem assim, é uma droga pesada, mas também não é nenhum bicho de sete cabeças, entendeu? Aí, assim, nunca tive nenhum problema com minha família nem com nada em relação a isso.”

Abnara começou a fumar crack em 2006 e passou dois anos sem usar a droga, devido a outras ocupações em sua vida, inclusive falta de tempo para ter acesso à droga. Desse modo, o uso dessa droga não é a única atividade produtora de prazer em sua vida, deslegitimando a afirmação midiática do crack como a droga causadora de dependência precoce, geradora de marginalidade, violência e crimes. Também esclarece que o crack tira sua concentração, por isso evita o uso em sua atividade obreira. Sua estratégia de uso controlado requer experiência, observação e análise. Reconhece assim os momentos que pode usar a droga. Acredita que é muito difícil a aceitação das outras pessoas sobre a existência do uso controlado de crack, pois o crack é relacionado a mortes, roubos e furtos. A compreensão da substância por si só não considera fatores culturais e singulares de cada sujeito, portanto, ao compreender o uso de drogas na tríade sujeito-contexto-substância, temos a confirmação no entrevistado ao comentar que não se sente bem em qualquer lugar em que usa, procurando um ambiente acolhedor, com pessoas de confiança, que não o julguem, por que “a maioria das coisas que acontecem: violência, muitas coisas que a gente vê hoje em dia na mídia caem para cima do crack”. Discorda das afirmações acima, apesar de concordar que algumas pessoas se “desequilibram”.

Compreende que “hoje é muito difícil as pessoas aceitarem que existe um uso controlado, realmente eu entendo...muitas família traumatizadas por familiares que começaram no vício e terminaram de forma trágica, mortos, por dívida ou por roubo para comprar o crack, e também muita gente acha que muitos roubos, muitos furtos são para comprar o crack, às vezes nem é”. Todavia, apesar de se compreender enquanto usuário controlado, narra o discurso de pânico declarado pela mídia, em relação a outros usuários, esclarecendo, todavia, que nem sempre os roubos e furtos são para comprar o crack. Firma assim, tal qual propõe Arendt (2010), uma posição de natalidade, fazendo emergir o novo, em uma compreensão diversa à homogênea. Sabe-se que estamos no mundo e não podemos sair de sua teia de significados, portanto, as compreensões midiáticas que afirmam pânico moral acerca do uso de crack também fazem parte das compreensões de mundo, devido ao seu caráter indissociável, mesmo quando há uma opinião diversificada e diferenciada sobre a temática, caracterizando a natalidade.

A sensação é compreendida por Abnara como “muito boa que você não encontra em nenhum outro lugar, em nenhuma outra droga, em nenhuma outra bebida”. Portanto, a sensação de prazer faz parte do seu uso, em uma história de sete anos, opondo-se à opinião da mídia. Comenta ainda sobre os efeitos da droga: “como se fosse um estimulante”, categoriza como

“totalmente absurdo” a tentativa da mídia em assustar, o que comentamos acima como o “pânico moral”. Conhece os efeitos do crack no seu corpo e afirma que não vai se permitir ser devastado, apesar de ser uma droga que deve ser respeitada.

Assumi ser usuário de crack para a família e explicou que não era um “bicho de sete cabeças”, apesar de ser uma droga percebida por ele como “pesada”. Firmou assim a ação política, no mundo comum, entre os homens diversos. Comentou também sobre a possibilidade de um uso controlado para “tratamento de dependentes”, que não existiria devido às “bombardeações da mídia, da política mesmo”. Tal fato ressalta a estratégia de redução de danos como promotora de saúde, compreendendo que “a abstinência não é o único meio a ser alcançado” (Ministério da Saúde, 2004).

ADELFO

“Eu usei crack pela primeira vez eu tinha dezessete anos, hoje eu tenho vinte e nove, então são doze anos que eu uso crack, entre outras muitas drogas, não é? Eu fumava maconha e eu conheci a cocaína depois de fumar crack. Nessa época, a época que eu saí de casa pra estudar, fumei algumas vezes nessa época, e meus amigos ficaram sabendo, ficou todo mundo preocupado, aquele negócio...não porque ele ta lá fumando crack...fumei...e assim a preocupação das pessoas não é!? Acho que há doze anos o que tinha na mídia a esse respeito era muito pior, talvez não é?”

“Não sei dizer também não é, hoje também ta muito pior, mas eu lembro de uma matéria que era assim: “Crack mata em cinco dias”. Tem uma matéria da Veja assim, na capa...um menino no chão deitado e em cima “Crack mata em cinco dias”. Era toda uma preocupação naquela época e eu não entendia porque as pessoas estavam preocupadas. A experiência que eu tive com o crack foi uma experiência...nem perto da que eu tive com cocaína, por exemplo, lembrando que é a mesma coisa não é? A cocaína é a mesma coisa, só muda o jeito do uso porque a droga, a substância é a mesma. Então com a cocaína eu já vendi um terreno de R\$45.000, cheirei todo os R\$45.000, fiz m. para c. com relação à cocaína sabe, de uso...já compliquei situações de relacionamento sabe, andei muito tempo sem dinheiro nenhum, pegava meu salário e gastava tudo com cocaína, é...cheirada...e com o crack nunca me aconteceu isso, então eu não entendia na época a preocupação das pessoas. Preocupado com o que? De fato eu não sentia que era uma droga como estavam falando, com esse poder que estavam falando que ela tinha. Eu não entendia muito bem porque desde a primeira vez que eu fumei...eu acho que muitos usuários de crack fumam já com essa predisposição estigmática da coisa, aí a primeira vez que eu fumei eu não entendi: “Ah...só isso? Todo esse barulho só por causa disso aqui? Não, ta certo não! Isso é muito pouco, é muito pouco!” Devido ao efeito ser rápido não é um efeito forte de grande alteração na consciência que proporciona comparada com uma droga como a heroína ou comparada com cocaína injetada, que a alteração é muito muito maior, essa sensação de prazer e bem estar é muito maior também.”

“O que aconteceu comigo no crack? Vou dizer o que aconteceu comigo porque as experiências são muito diferentes de pessoa para pessoa...essa foi digamos a primeira fase a primeira experiência a primeira coisa que aconteceu comigo com relação a essa droga. Fato é que depois que eu usei essa primeira vez eu não dei mais importância nenhuma porque eu achava muito sem graça aquele negócio, nunca foi uma droga que me seduziu porque eu sempre achei o

efeito muito irrisório, eu sempre gostei muito mais de cocaína. Depois desse uso eu venho fumando nesses doze anos eu fumo e não tenho uma rotina assim pra usar, tem meses que eu não uso nenhuma vez, tem semanas que eu uso uma vez. A única rotina que eu tenho com relação não só ao crack, mas a todas as drogas, é não usar todos os dias, ou seja, usar hoje, amanhã e depois de amanhã.”

“Eu consigo estabilizar meu humor, e como na minha cabeça problemática não tem diferença nenhuma de cocaína pra Rivotril, nem tampouco pra Haldol, também...pra mim é tudo a mesma coisa. Como eu já tenho uma certa experiência eu consigo reconhecer a qualidade da droga, tantos anos usando você consegue. Eu meio que faço minha auto preservação, minha auto segurança quando vou usar, e tudo mais...mas eu não consigo ver diferença justamente porque não é há diferença prática de uma dependência pra outra, não há. Eu tenho uma amigo que trabalha comigo que ele usa Rivotril e ele sempre fala que é dependente químico de Rivotril, ele toma Rivotril há seis anos então...ele não consegue dormir sem tomar Rivotril. Eu consigo dormir lindo, todos os dias, fantástico, sem problema nenhum. O que esse remédio faz no organismo dele e essa dependência que ele tem dessa droga...eu não consigo me ver diferente dele, eu consigo me ver diferente pra melhor porque eu consigo dormir, eu não tenho problema nenhum com essa criminalidade, com o fato de eu ter que comprar uma droga ilegal, com o fato de ter que fazer isso não me dá problema e em virtude dessa dependência e dessa necessidade quando eu vou sentindo que meu humor está ficando mais complicado, dependendo das minhas condições financeiras eu opto, quando eu to com menos dinheiro eu fumo crack, quando eu to com mais eu cheiro cocaína.”

“...me dá uma certa raiva quando eu vejo esses congressos pra falar de drogas com uma linguagem acadêmica, careta, quadrada, que não responde mais àquela necessidade das pessoas que usam drogas, eu li tantos livros de dependência química que para mim era igual a um livro de piada porque é muito engraçado essa relação da dependência química, como ela é descrita por muitas bibliografias, a forma como ela é descrita e a forma como ela carrega dentro de si essa bagagem demoníaca. Então às vezes a gente olha pra a mídia e vê isso, às vezes a gente olha pra aquilo, mas a mídia tem um respaldo pra fazer isso...e dentro da academia, eu cansei de discutir com professores, doutores a respeito do crack. Uma vez teve uma discursão que eu tava...a gente tava bebendo...eu com um professor desses, doutor...e ele com uma posição completamente emburrecida e distorcida com relação ao crack. E ele me falou uma coisa aí eu disse: “Não, o crack não é isso que você ta pensando não, o crack não é uma droga com

tamanho poder de destruição, não é! Não é, eu conheço, eu fumo crack, então eu posso te dizer, eu já usei essa droga e eu posso te dizer! E por mais que seja muito diferente de pessoa pra pessoa essa diferença tá ligada muito mais com a condição social, profissional, familiar da pessoa, dessa pessoa, em torno da vida dessa pessoa, do que da relação de sujeito e droga, porque essa relação na verdade não existe, é impossível ter essa relação, só se for pegar crack e for fumar na Lua, em Plutão, como é que vai imaginar essa relação pura, simples? Então eu estava dizendo pra ele e ele disse “Não porque com as outras drogas que a gente tinha no Brasil a gente nunca viu um filho roubar as coisas do pai e da mãe pra ir usar droga.” Eu disse: “ Não, a gente não via isso, mas viu por muitos anos os pais chegarem bêbados em casa, quebrar toda a casa, botar os filhos pra dormir fora, bater na mulher e isso tá tudo bem? Então isso nunca foi um problema pra sociedade. É muito comum assim...como as pessoas que bebem tem preconceito com quem fuma maconha, quem fuma maconha tem preconceito com quem usa crack. E eu dizia “Não, do que que adianta vocês pegarem a bandeira e ir pra rua dizendo que fumam maconha se vocês não são capazes nem de assumir que fumam maconha na frente do seu pai e da sua mãe? Que tipo de movimento social você está fazendo? Você é capaz de se reconhecer enquanto usuário para todas as pessoas da sua vida e ter coragem pra assumir isso e viver dessa forma? Não? Então não faça nada porque você é um covarde!”

“Eu acredito que esse papel que eu assumi, essa relação que eu tenho com essa droga, primeiro ela é muito terapêutica pra mim porque eu sei que eu nunca posso deixar com que eu vire disfuncional, então eu acho que esse papel é muito terapêutico para mim, eu preciso sempre segurar a minha onda e a minha história por conta de que eu vejo essa relação não é? Hoje muitas pessoas sabem que eu uso essa droga e muitas pessoas ficam surpresas quando sabem que eu uso essa droga.”

“...nunca parei de usar crack e nunca vou parar de usar crack, não quero parar de usar crack e não quero ser tratado porque pra mim ele é o tratamento, não tenho vontade nenhuma de fazer tratamento nenhum, pelo contrário, pra mim ele é que me trata. Não consigo viver assim e ver essas coisas, trabalhar com dependência química, eu capacito as pessoas da Atenção Básica: Acs, médico, fisioterapeuta, psicólogos, eu capacito elas pra trabalhar com dependência química, eu ando na rua todos os dias trabalhando com os dependentes químicos.”

“O que emagrece nas pessoas que usam crack não é que elas fumam crack é que elas não comem, se você não come você emagrece, então não é assim fuma crack e emagrece, eu nunca

emagreci fumando crack! Eu como (risos), eu fumo crack, mas eu como, então como é que eu vou emagrecer se eu como (risos)?”

“As pessoas precisam me conhecer como usuário, porque se elas me conhecerem como usuário, elas vão mudar um pouco que seja essa coisa estigmatizada do crack e, além disso, tem a questão de que toda vez que se fala mal do crack, toda vez que a mídia coloca o crack dessa forma, toda vez que ele é demonizado. Quem na verdade tá sendo demonizado, quem na verdade tá sofrendo são as pessoas que usam, não existe guerra às drogas sem haver guerra às pessoas que as usam.”

“Toda essa estigmatização do crack, a gente vê hoje na televisão um jovem sem antecedente, de quinze anos, quatorze anos, sendo assassinado e a sociedade toda achando bom, que é o que acontece, todo mundo acha bom e diz: “ É mesmo, tem que morrer mesmo porque é um usuário, tinha que morrer porque fuma pedra, tinha que morrer...”

“Então eu não consigo ficar fora dessa guerra. A minha forma de lutar talvez seja essa, eu resolvi fazer isso como uma forma de lutar, expor para as pessoas que eu faço uso dessa droga e que ela não é uma coisa personalizada, uma coisa que tem haver com alma, demoníaca e que toma as pessoas para si. Nunca essa droga vai me tomar, eu é quem tomo ela. Eu tenho essa relação social com o uso de crack, tenho essa relação íntima com o uso de crack, ao passo que ele é muito terapêutico para mim, tenho essa relação social ao passo de que eu acredito que eu tô nessa guerra, tô dessa forma. Eu acho que quando eu me posiciono como usuário ou quando defendo o uso do crack eu não estou defendendo que as pessoas usem a droga, eu estou defendendo quem usa as drogas, que não tem defesa”.

“Como é isso para uma pessoa que às vezes está com o pai preso, a mãe se prostituindo, não vai para a escola, não estuda, não faz absolutamente nada, e não consegue ver na vida nenhum tipo de possibilidade, nenhum tipo de horizonte? Então como é essa droga na vida dessa pessoa? Então a pergunta é essa: é o crack? Não é o crack, é a vida das pessoas que está nessa situação, o crack por ser barato lógico que casa muito bem com essa realidade, então as pessoas roubam para fumar crack não porque são viciadas em crack, mas porque roubariam por outras razões, outros motivos, por causa da falta de sentido da vida, das coisas básicas da vida. Então lógico o crack, assim como a cocaína, vicia muito, tem o poder de tornar a pessoa dependente, agora o que mais tem o poder de tornar qualquer ser humano dependente, tornar qualquer ser humano

disfuncional é essa condição social. Isso que é o prato cheio para a dependência química, e não a relação da substância.”

“...não existe guerra contra crack, existe guerra contra usuários de crack, essa é a guerra que tá aí...a Lúcia Karam fala isso...a Lúcia Karam...da LEAP...é uma organização internacional que luta pela liberação de todas as drogas, inclusive do cultivo, comércio e uso. Ela é formada por juízes, coronéis, inclusive pessoas muito simbólicas. Várias vezes estive com Lúcia Karam e ela fala: “ As pessoas tem uma mania errada porque eles falam de guerra contra as drogas, então não podem ser contra as mortes, não querem uma guerra? Então tem que se acostumar que os usuários vão morrer.”

Adelfo usa crack há doze anos. Ele compreende que, possivelmente, há doze anos comentava-se na mídia sobre o crack de modo “pior”. O entrevistado teve problemas devido ao uso de cocaína, entretanto, apesar de relatar que a substância é a mesma, descreve não haver problemas devido ao uso de crack. Ele não entende o porquê de tanta preocupação das pessoas em relação ao crack, pois não sentia a droga com o poder e o modo como falavam. Relata em muitos usuários uma “predisposição estigmática”. Ao fumar pela primeira vez, perguntou a si mesmo: “Ah...só isso?”, uma vez que também se encontrava em grande expectativa.

Becker (1977), afirmava que quando usamos uma droga a experiência posterior é influenciada pelas ideias e crenças sobre aquela substância. Portanto, compreende-se que o fato de do entrevistado trabalhar com dependência química e estudar sobre a temática envolve o modo como ele se posiciona enquanto usuário de crack, afirmando sua funcionalidade. Ele possui uma compreensão crítica sobre o assunto, e percebe que o efeito da droga em si não ocorre como o que é propagandeado pelo mundo comum entre os homens, firmando a natalidade e a ação política acerca do assunto. Acredita que há uma “predisposição estigmática” em relação ao usuário de crack. O estigma marca e marginaliza as pessoas, deslegitimando a pluralidade humana em suas múltiplas faces.

Adelfo compreende que as experiências são muito diferentes de pessoa para pessoa, indo ao encontro do que foi comentado insistentemente sobre a diversidade humana e os múltiplos modos de usar drogas. O entrevistado diz não ter dado muita importância ao crack após o primeiro uso porque o achava “sem graça”, sempre gostou muito de cocaína. Apesar da cocaína estar presente no crack, confirmamos através da sua experiência a diferença em seus efeitos. Apesar de não ter uma estratégia definida: pode não usar por meses, pode usar menos

durante semanas, outras, entretanto, mais. Outrossim, ao cigarro como procura fazer com outras drogas, evita o uso diário, exceção feita. Adelfo se compreende como “dependente cronicado” de cocaína e usuário funcional de crack.

Relata a experiência de um amigo que só consegue dormir com o uso de Rivotril e compreende que não há diferenças entre quem usa cocaína, Rivotril ou Haldol, utilizando sua experiência com as drogas para se “autopreservar”, pois reconhece a qualidade da droga. Becker (1977) comentou sobre isso: o conjunto de entendimentos comuns sobre as drogas, suas características e a maneira como elas podem ser usadas de melhor modo denomina-se “cultura da droga”.

O entrevistado compreende que a mídia possui respaldo para falar das drogas do modo como fala, e esse respaldo está na academia. Insiste ainda que a relação das pessoas com as drogas envolve muito mais a condição social, familiar, profissional do que a droga em si. Colocou em palavras o que escrevemos insistentemente em torno desse trabalho, pois as drogas em si nada fazem, seus usos são atravessados pela teia de significados no mundo comum entre os homens. Assim como se referiam os gregos ao termo *Pharmakón*: o perigo não está na droga, mas na maneira como ela é usada. Além disso, compreende que assumiu um papel social ao se posicionar como usuário de crack, para que outros percebam a possibilidade de um uso funcional. Acredita, desse modo, contribuir para a desestigmatização dos usuários, posicionando-se de modo a construir ação política na esfera pública, criticando os que afirmam sua diversidade apenas no âmbito privado.

Adelfo questiona o uso de drogas em geral, sem excluir as lícitas, como os fármacos. A sua reflexão se aproxima da reflexão de Mota (2009), que escreveu sobre a “demonização da drogas”, centrada predominantemente nas drogas ilícitas. O autor afirma que as drogas lícitas são justamente aquelas que representam o menor contingente de usuários no Brasil e esclarece que “o abuso de qualquer droga, que pode ser tanto tranquilizantes comprados em uma farmácia como cocaína adquirida ilegalmente, não se constitui uma prática saudável”. (Mota, 2009). Esse mesmo autor critica a vinculação do termo drogas às substâncias ilegais, relação que legitima uma associação direta entre julgamentos morais e usuários de drogas.

O entrevistado não quer parar com o uso de crack e compreende é, inclusive, terapêutico. Trabalha com dependência química, mostrando a possibilidade de ser usuário de crack funcional e trabalhar, cuidar da casa, das cadelas e não perder o vínculo afetivo com a

família. Compreende que a maior dificuldade de quem se torna disfuncional é o contexto e o modo como a droga entra na vida das pessoas. Ao falar sobre a guerra contra as drogas o entrevistado esclarece que a guerra não é contra a droga em si, mas contra os usuários, talvez por isso tantas mortes aconteçam.

AGHATA: “A minha experiência no uso do crack é assim...foi uma experiência que eu conheci quando eu tava nas ruas...e comecei a fumar maconha, e da maconha passei pro cigarro, aí do cigarro comecei na cocaína...e aí da cocaína eu conheci o crack...eu conheci o crack em 2003.”

“Aí eu conheci ela...aí até hoje eu não esqueci mais, entendeu? Já passei vários tempos assim...oito meses, três meses sem fumar, mas chega uma hora que não tem como...o sangue pede...aí você tem que fumar, mas é uma experiência...não vou dizer que é legal, mas...é tipo uma cachaça...entendeu? Muita gente num bebe uma cerveja? Só que a diferença é que a substância dela já mexe mais com o sistema nervoso, entendeu? A cachaça, o álcool deixa você mais sóbrio, essa não...essa já estimula mais, a pessoa que usa fica ativa, alerta, e aquela sensação de você querer fumar, entendeu?”

“Saí do orfanato...e aí...sempre fumando, fumando, fumando...até que um dia eu parei e fiquei uns três meses sem fumar, aí depois continuei de novo e tudo que eu conseguia era a droga só me destruindo, destruindo, acabando comigo, até que chegou um tempo que eu parei pra pensar assim...e falei: é...realmente...assim...eu tenho que saber mais me controlar, tenho que saber mais é pensar em mim porque assim, a abstinência basta entendeu? Mas tem que...primeiro assim...comprar umas coisas pra depois ficar com o dinheiro porque se você ficar com o dinheiro você gasta o dinheiro todo atrás da droga.”

“To capaz de fumar e me controlar, entendeu como é que é? De manter minha vida normal...isso é só uma questão de eu mesmo parar porque é o seguinte...eu sou um viciado e não sou um viciado ao mesmo tempo porque pelo que eu fumo, entendeu como é que é? Eu...eu to normal, entendeu? Eu consigo trabalhar, eu não tenho aquele negócio de “calafrio” que tem que passar três meses, quinze meses, entendeu como é que é?”

“Não é muito essas coisas que o povo fala que se joga, entendeu? Que o crack acaba...não! Isso depende muito da pessoa porque eu conheço muita gente também que fuma, fuma, e trabalha...de boa...só que é uma droga que faz mal a você, à saúde, mas da pra se manter controlado sim...dá pra usar e não se jogar muito, basta querer e ter força de vontade.”

“Eu acho que dá sim pra fazer uso controlado...é que nem eu falo...as pessoas que tem um objetivo...ela pensar primeiro em fazer alguma coisa com o dinheiro pra depois pensar em fumar, entendeu? Depois que ela fizer alguma coisa ela fuma, basta a pessoa ter força de

vontade e querer, correr atrás e tal...o crack também não é essas coisas que o povo fala: ai destrói. Destrói sim, mas quando a pessoa se deixa levar, a pessoa fuma crack e não se perde na vida, não acaba com nada, ela tem que saber se controlar.

“Olha a sensação do crack é uma sensação assim sabe...um prazer inevitável...só de você pegar e puxar aquela fumaça assim...aí você prende e manda pra mente assim...a adrenalina chega...a ficar doido...é um prazer intenso que dura uns dez minutos, aí depende ainda, mas é um prazer compensado...e aí é por causa disso, desse prazer que a gente fuma...”

“Não é porque ela fuma crack que vai perder a família e o trabalho não...existem outras coisas, outras oportunidades. Olha só...você pode fumar em final de semana...você trabalha a semana toda, vai comprar suas coisas, e depois no final de semana você vai para algum lugar e fuma, fuma aí depois volta, vai dormir, vai descansar, acabar, acabou. Entendeu? Você tem que botar na sua mente que acabar, acabou! Entendeu? Amanhã é outro dia, você não vai querer fumar tudo hoje, não vai conseguir fumar tudo, então...amanhã é outro dia...e assim vai...dá pra fazer uma associação com o trabalho, o crack num causa tudo não... que eles falam não...”

“Dez anos que eu fumo crack, dez anos...graças a Deus não tenho uma queda por causa de crack, nunca roubei por causa de crack, sempre corria atrás de uns trabalhos, fazia uns bicos, catava latinhas, entendeu? Ou pedia...agora esse negócio de...eu fumo crack e se eu passar aqui e tiver uma mulher vindo de lá pra cá eu fico com mais medo dela que ela de mim porque assim...essa mulher vai pensar que eu vou roubar ela, então eu atravesso para o outro lado da rua. Não é porque eu fumo crack que me dá vontade de roubar não, nunca me deu... Eu nunca roubei por causa de crack, por causa de nada, eu assim...quando eu quero fumar eu saio pedindo dinheiro...não vou mentir.”

“...aí...o povo acha que só porque fuma crack...não...aí é ladrão...vai roubar, vai levar, vai...não é não...é mentira...e é isso que eu falei depende muito da pessoa, mas que a pessoa...entendeu? O crack, claro que agita o cérebro, acelera, mas ao mesmo tempo que acelera você também pensa, entendeu como é que é?”

“Eu penso que essa entrevista que vocês estão fazendo é importante entendeu? Pra mostrar um pouco a visão do usuário de crack entendeu? Porque muitos acham que o usuário de crack é aquela pessoa...é um lixo, entendeu? É um monstro... só porque usa crack entendeu? Mas não entende a necessidade, a dependência, os problemas...não entende...só quer saber de julgar a

gente, entendeu como é que é? Ah porque é usuário de crack eu não vou arrumar um emprego pra ele, ah porque é usuário de crack ele não vai namorar minha filha, não...tem nada haver não...nada haver...isso depende muito da pessoa entendeu? Eu conheço muita gente que usa crack e trabalha em grandes coisas e mantém sua vida normal. A mídia discrimina muito o usuário de crack, ela joga que o usuário de crack é...que nem essa lei que tavam querendo fazer aí do internamento compulsório, entendeu? É querer pegar a gente usuário de crack à força e jogar num lugar que...pensa que só que “doidera”. Acham o que? Que a gente é o resto do resto do mundo é? Só porque infelizmente a gente conhecendo essa droga, entendeu? A gente precisa de ajuda, a gente não precisa de mais gente pra afundar no poço não porque no poço já ta afundado já...se afundar mais já era.”

“Eu acho o seguinte, eu acho que qualquer lugar que você for se souberem que você é usuário de crack já dizem: ahh cuidado, cuidado, vai te roubar, cuidado...ah sei lá...a mídia devia mostrar o seguinte: vamos ajudar! Mas o que a mídia mostra, ela destrói a gente porque ela afasta a gente da sociedade, a sociedade fica com medo da gente, invés de acolher a gente não...ela exclui a gente...por causa de que? Porque a mídia passa uma imagem que é...a gente usuário de crack não presta, mas não é não, a gente é ser humano, a gente sente dor, a gente chora, é a mesma coisa de uma pessoa que...às vezes uma pessoa que não usa crack toma cerveja, fica doidona, ou sei lá...faz outras coisas...aí só porque usa crack que é a escória do mundo. E as outras pessoas que usam outras coisas? Os filhinhos de papai que saem nos seus carrões fumando um baseado, cheirando pó, os jogadores...isso aí...a mídia não fala deles...a mídia abafa o caso....agora quando é usuário de crack a mídia já quer cair em cima, a mídia já quer mostrar que a gente não presta, e é isso que a sociedade...só porque ele é usuário de crack ele roubou pra fumar, às vezes nem sabe, às vezes o cara roubou pra comprar alguma coisa pra dentro de casa, mas só porque ele foi abordado uma vez, aí foi pego lá, aí ficharam que ele é usuário de crack, pegaram com droga, fumando droga, aí quer dizer...qualquer coisa que ele fizer pelo resto da vida dele, ele ta condenado só porque ele é usuário de crack...”

“...é uma marca que não sai mesmo...até se ele for caçar um emprego...se puxar...foi preso com droga...já era! Não dá nem a oportunidade só porque foi preso com droga, quer dizer...invés de ajudar ele ta ajudando ele a mais...ir para o mundo do tráfico, da droga. Porque ele ta procurando as drogas só porque ele usou droga, entendeu? Mas ele ta procurando ajuda e não ta encontrando.”

“Porque a mídia vai e quer botar pra trás...aí vai e eles se jogam mesmo e afunda, aí quando morre falam: não...aí é mais um, é um usuário de droga que morreu. Mas às vezes não sabe o que ele tentou, ajuda que ele tentou correr e não correu atrás porque excluíram ele porque ele é usuário de drogas, entendeu? Eu entendo dessa forma porque eu já passei muito por isso, às vezes na rua você está sentado e passa uma mulher e pá...e a mulher olha pra tu assim...entendeu como é que é? Às vezes você nem pensa em roubar ela, mas invés dela passar na boa assim...pra dar mais um motivo pra a gente poder ficar mais animado porque a nossa vida já é ruim, já vivia na rua, entendeu como é que é? Aí quer dizer...não...aí você vê que ela ta com medo porque ela ta vendo que você é um drogado, que você usa crack aí ela ta achando que você vai roubar ela...e às vezes nem muito...às vezes a bolsa dela até caiu e o usuário de crack foi entregar pra ela, aí às vezes pode passar um cara que nunca usou crack, nem nada...e vir assaltar ela...as aparências enganam, não é só porque a gente é usuário de crack que a gente é bicho de sete cabeças...não somos não. Pronto! Era isso mesmo!”

Aghata conheceu o crack há dez anos, nas ruas. Inicialmente, relata que tudo “desandou” em sua vida após conhecer essa droga. Passou três meses sem o uso. Após esse tempo voltou a fumar compulsivamente. Aghata relata que nesse momento tomou a decisão de controlar seu uso, utilizando primeiramente o dinheiro para o que precisasse comprar, e gastar apenas o que sobrasse com a droga. Compreende que é um “viciado” e não é, ao mesmo tempo, pois usa crack, mas “toca” a vida normalmente. Aghata consegue fumar crack e trabalhar. Comenta que conhece muitas pessoas que também fazem o uso desse modo, mas acredita que é preciso ter um objetivo para que haja o uso controlado, inclusive, utilizar primeiro o dinheiro para as coisas que precisa comprar e adquirir o crack com o que sobrar.

O entrevistado descreve a sensação do crack como um prazer inevitável, assim como Abnara também afirmou. Assim como Adelfo e Abnara, Aghata também compreende que não é porque alguém usa crack que perde o vínculo afetivo com a família ou o trabalho e também critica o modo como a mídia estigmatiza o usuário de crack. Também esclarece a importância da entrevista que estava sendo realizada, por mostrar a visão do usuário, compreendendo que muitas pessoas acham que esse é um “lixo”, um “monstro”. Ao criticar a internação compulsória, afirmou: “Acham que a gente é o resto do resto do mundo é?” Relatando a discriminação da mídia em relação ao usuário de crack, mostrando que se sente discriminado com a imagem que a mídia expõe dos usuários de crack. Assim como Adelfo, Aghata também

fala sobre a aceitação social das mortes dos usuários de crack, narrando que quando um usuário de crack morre dizem: não, aí é mais um, é um usuário de droga que morreu.

Aghata vivenciou essas discriminações, descrevendo a experiência de uma mulher que passou por ele com medo de ser assaltada, criticando a relação causa e efeito entre roubo e uso de crack, mostrando que não é simplesmente pelo uso que há o roubo. Muitas vezes o roubo acontece para comprar alguma coisa para casa, mas quando alguém é abordado anteriormente como usuário de crack torna-se estigmatizado pelo resto da vida, por ser usuário dessa droga. Portanto, Aghata narra experiências dentre as quais se sentiu estigmatizada, compreendendo que o estigma é uma marca que marginaliza e gera exclusão.

Compreendemos que os próprios usuários narram a existência de diversos fatores extrafarmacológicos envolvidos no uso de crack e que a relação causa e efeito entre marginalidade, violência, roubos e uso de crack gera situações de risco para os usuários, devido ao pânico moral divulgado historicamente pela mídia.

ARGEU: “O crack foi uma coisa que entrou na minha vida por uma aventura, por uma curiosidade, e eu comecei a fazer o uso recreativo. Eu achava muito bom porque dava uma sensação de muita potência porque eu já fazia uso de cocaína e o crack é uma potência eu acho que dez vezes maior que a cocaína, aí quando tive a minha primeira experiência eu me apaixonei, eu achei muito bom e disse para mim mesmo que ia fazer esse uso de uma forma diferente dos outros. E disse: eu vou fumar crack, mas eu vou me alimentar, tomar banho, cuidar da minha saúde e tal, mas não adianta, o efeito é muito devastador...e eu fui fazendo esses usos recreativos, pensando que isso não me pegava, isso não me atingia, eu pensava que era auto suficiente para isso. Foi legal, curtindo todo dia, eu chegava do trabalho e tinha que fumar, fumava um para me divertir, fumava um para me sentir legal e com o tempo eu não fumava mais um, eu fumava duas, três, quatro pedras, e chegou ao ponto que eu vi que eu já tava viciado, eu recebia meu salário e era todo convertido para essa droga. E chegou ao ponto que quando eu recebia meu salário eu saía direto do banco para uma loja comprar três camisas, uma bermuda, por que eu sabia que o resto do dinheiro ia ser todo revertido ao crack.”

“...e o que me fez sair do crack, hoje eu to limpo há quatro anos em média, o que me fez sair foi a entrada do meu irmão também no crack, eu fiquei muito preocupado com a minha família pelo fato de ter uma pessoa usuária em casa e de repente ter duas pessoas, é um problema em dobro, e eu consegui, por força de vontade própria e muito rápida, depois de um ano de uso, um ano devastador, por que o crack sendo usado durante um ano o efeito é muito devastador. Depois de um ano desse problema eu consegui sair para depois tirar o meu irmão.”

“Eu conseguia fazer o uso controlado, mas chegou a um período que eu pensava que ia fumar uma pedra e se eu tivesse com cem reais no bolso ia embora os cem reais, e se eu tivesse com duzentos reais ia embora duzentos reais. Terminou ficando uma coisa descontrolada, do controle passou para o descontrole total. Graças a Deus eu nunca fui de desandar, como o pessoal fala, de vender suas coisas pessoais, eu nunca fui de fazer isso não, mas eu trabalhava, eu tenho uma condição de vida legal, classe média, e eu tinha condições de bancar esse vício e teve uma época que eu não comprava mais nada para mim, só esse vício.”

“Eu comecei brincando, brincando...eu acho que três meses depois que eu comecei a usar eu já estava virando um zumbi, perdi muito peso rapidamente, e eu vi que não tinha como ser uma coisa controlada, não tem controle, é uma droga que não tem controle. “...e depois de um ano que eu saí do crack eu disse: eu vou experimentar, eu vou experimentar agora para ver depois de um ano qual vai ser minha reação. Depois que eu fumei eu vomitei, passei mal, tive náuseas

e vi que realmente aquilo não era para mim. Então isso foi uma lição de vida para mim, eu vi que não existe o uso recreativo, até que eu conheço algumas pessoas que usam recreativamente, que não são consideradas adictas...que é a chamada adicção...que eu descobri isso através do NA, o Narcóticos Anônimos, eu tive que sair da droga, levei meu irmão para o Narcóticos Anônimos e participava de todas as palestras e aprendi muitas coisas: que existem pessoas que conseguem usar recreativamente e outras não conseguem, que se fumar um, ou no carro, ou na moto...que são os chamados adictos...e foi uma coisa que eu aprendi no decorrer desse período devastador...quando você é adicto você vai estar em eterno tratamento.”

“Eu estou há quatro anos sem fumar crack, mas eu sei que se eu fumar eu posso passar mal, tudinho, mas se eu fumar de novo talvez eu vá gostar, e se eu fumar pela terceira vez eu volte tudo de novo.”

“No meu caso nem meu pai, nem minha mãe, minha mãe faleceu há nove meses...e meu pai tá vivo ainda, mas nenhum dos dois sabe de mim, eu consegui passar por essa fase sem ninguém desconfiar...”

Argeu sente a potência do crack mais forte que a da cocaína pura. Sabe-se que seus efeitos são mais rápidos. Ele se apaixonou pela droga e decidiu fazer um uso controlado, mas não conseguiu, compreendendo que seu efeito é “devastador”. Narra que usava todo seu salário para comprar a droga, por isso quando o recebia comprava rapidamente camisas e bermudas. Assim como Aghata, afirmou que, para haver um uso controlado, é necessário primeiramente usar o dinheiro com outras coisas e gastar com o crack apenas o que restar. Quando o irmão de Argeu começa a usar crack sua preocupação leva-o a buscar abstinência após um ano de uso “devastador”.

O entrevistado conseguiu fazer uso controlado inicialmente, mas usava o crack em tudo que fazia devido à “paixão” pela droga. Argeu, em alguns momentos, compreende que não há possibilidade de usar o crack de modo controlado, e em outros que é possível haver um uso controlado, apesar de não conseguir fazê-lo. Após um ano abstinência ele tentou usar a substância, mas não sentiu o prazer que sentia anteriormente. Argeu, ao contrário de Adelfo, tentou privatizar o uso, evitando expor publicamente. Quando o uso de crack aparece publicamente, através do de seu irmão, busca trazer o assunto para o âmbito privado, preocupa-se com a aparência pública tanto do seu uso quanto do irmão, afirmando que nem seu pai, nem sua mãe souberam. Comenta que passou por essa fase sem ninguém “desconfiar”.

ÁRIO: “Primeiramente boa tarde, meu nome é Ário, sei que hoje é dia 05/09/2013, setembro...e eu vou falar um pouco da minha vida pra vocês. Eu fui usuário de crack, graças a Deus, pedi muita força a Deus aí...deixei...já fui ex-presidiário e tô tentando mudar de vida. Hoje em dia, não deixei de usar as drogas porque eu sei que tem altos vícios aí de cigarro, de maconha, de álcool...e eu não consumo as drogas que eram pesadas na minha vida e na minha mente, que estavam estragando comigo e com a minha família, como já estragou levando meu irmão pro limite da vida da gente, que cada um vai ter, que é a morte. Então...eu quero lutar para que ela não chegue cedo, quero lutar para que eu passe a ter muito tempo prolongado na minha vida para contar o meu testemunho e um pouco da minha história porque era difícil quando eu tava na rua não é, fumando crack, roubando...hoje em dia, quando eu caí na prisão eu acho que tô tentando mudar...tô fazendo as coisas que não fazia antes...que é botar a cabeça pra pensar, a mente pra funcionar e tentar mudar de vida.”

“Tem muita gente que usa a maconha, o cigarro, o álcool e sabe se controlar não é...porque tem essas coisas, dinheiro, trabalho, e sabe que quando acabar...mas tem muitas que já não tem o controle que outras tem, porque nem todo ser humano são iguais, a gente pode ter cada um um defeito não é? Então eu acho que as drogas que faz a pessoa mais se atribular são duas drogas, é o loló, que é a droga da confusão...e realmente agora que vem constar no Recife que tá tirando muitas vidas, derrubando na cara de muitas pessoas, muitas trocas de tiros, gente que tão se acidentando sem tá nesse mundo do errado, da vida errada, que é o crack não é, que é a droga que deixa você neurótico, você meio nervoso, querendo mais...fazendo coisa errada e se arriscando com a sua própria vida.”

“O problema do meu irmão foi sobre esse tipo de drogas, o crack que fez eu perder uma pessoa da minha família, e morava no coração, nascido e criado comigo desde pequeno, só tinha ele de irmão homem, porém até hoje eu sinto, então...a dor que eu sinto em meu coração. Eu sei que tô na vida errada porque tô trelando por aí, mas tô tentando mudar, mas com certeza quem levou a vida do meu irmão foi ele mesmo ao procurar a vida errada para ele, mas em segundo lugar com certeza foi o crack, foi a droga.”

“Trabalhei, fui ambulante, já trabalhei em bar, já trabalhei em restaurante, sempre fui querido, nunca atirei em ninguém, nunca roubei ninguém, assim, no lugar que eu trabalhava. Depois que eu passei por esse lado da vida errada ficou mais difícil, então eu peço a todos, não sei se a gente vai encerrar agora essa conversa, mas eu acho que já está na hora, já dá pra levar, pronto. Eu acho assim que essas pessoas que não usem essa droga, que não é usuário de droga, que tem

o corpo limpo, a cabeça limpa, a mente ciente, que não entre nesse vício porque é difícil pra sair, pra entrar é fácil, mas pra sair é difícil. Então, tô saindo, tô tentando cair fora, e para aqueles que estão no caminho ruim fazendo coisa errada que escutar aí essa entrevista minha, sintam no coração, que deixe, que peça força a Deus porque eu sei que não é fácil não, mas nada para Deus é impossível, essa é minha referência e eu agradeço pelo apoio de todos vocês.”

“É possível que a gente possa se controlar, mas como eu disse agora, não é fácil, a gente precisa da força de muitas pessoas, de vocês e aquelas pessoas que não usam, que tem o talento, que é vocês, que ajudam aquelas crianças humildes que moram na rua que tem essa vida, então a gente precisa de vocês. É o que eu posso pedir...quem puder ajudar que ajude aqueles que precisam que eu agradeço de coração, não só eu e papai do céu que tá ali em cima me abençoando...”

O entrevistado compreende que o uso de drogas não se resume às drogas ilícitas, embora acredite que as pessoas que podem ajudar usuários são abstêmias. Separa usuário e não usuário de drogas e confia na ajuda de quem não é. Narra que seu irmão morreu devido ao uso de crack. Também declara que fumava crack nas ruas e roubava, atitudes que tiveram como consequência a prisão. Ário tenta mudar sua vida e dá conselhos para que as pessoas não usem crack, compreendendo que é “fácil entrar, mas difícil sair”.

Apesar de responsabilizar seu irmão pela própria morte, afirma que em segundo lugar foi o crack que o levou ao fim da vida. Ário compreende a morte como o limite. Segundo Ário, existe uma relação entre uso de crack e marginalidade, pois ele declara que o uso de crack leva a fazer “coisa errada”. Entretanto, ao final da entrevista afirma que é possível haver o controle do uso, mas que não é fácil e é necessário que haja ajuda de pessoas que não usam. Ário separa em dois âmbitos políticos usuário de drogas e abstêmios, acreditando que esses podem ajudar, enquanto aqueles precisam de ajuda, firmando um discurso similar ao da mídia ao relacionar marginalidade a uso de crack. Teria percebido a possibilidade da finitude ao presenciar a morte do seu irmão, e buscado novos modos, novas possibilidades para dar sentido à sua existência?

ARISTON: “Faço uso de crack dois dias na semana desde 2002...atrapalha a minha vida porque a pessoa fica agressiva, só quer trabalhar para o crack, esquece de tudo...evite o primeiro pega meu veio porque depois que fuma o caba fica louco.”

“Eu já fui pra o Jandira Mansur, passei só nove dias lá...e fui para o atitude, no atitude parei mais, passei três meses...eu dormia na rua pra não vir pra cá, dizia a mainha que tava dormindo lá que lá quando a gente se ajuntava dormia na rua só ficava junto quem não fumava crack, quem fumasse num ficava não, passei três meses sem fumar, largava do atitude e ficava lá mesmo pela praça, dormia lá e dizia a mainha que eu tava dormindo lá no atitude, mainha morria e não sabia que eu tava dormindo na rua, coisa que eu nunca fiz...dormir na rua, e dormir por causa do crack tá vendo? Pra deixar ele não é...deixar de fumar, pra não usar...”

“...depois foi ficando pior, a tendência é essa...se você não se sair vai ficar cada dia pior, tem que procurar uma melhora...e ainda mais quando a pessoa procura uma melhora sem ter ajuda da família, aí que é pior mesmo visse...aí que a pessoa endoida com um bucado de menino sem ter um apoio, uma ajuda, um conselho...aí pronto...vai bem no caminho de baratinar...”

“...chega eu fico mais tranquila quando não tô fumando, mais feliz, eu posso pegar em qualquer dinheiro e eu não fumo não...só quando eu tô em abstinência, agonia, se eu não tivesse abstinência não fumava essa droga mais nunca na minha vida, oxe...dá logo uma dor de barriga, um soluço, arroto...quando a pessoa tá na abstinência de usar é assim”.

“...a pessoa fica cansada, fica como se fosse de ressaca parece que trabalhou o dia todinho pro crack, andando a favela todinha, se arriscando...aí no outro dia eu só fazia dormir...quando eu me acordava de noite às vezes eu fumava de novo...”

“Meu dia a dia eu fico aqui em casa com meus meninos, faço as coisas, evito de tá na rua, fumo coisinha pra não dar a abstinência do crack...fumo maconha pra não dar abstinência do crack porque quando a pessoa tá a fim de usar o crack é só dar uma bola que num instante tira mais a ansiedade...dá fome e sono. E o crack? Que vem pra matar mesmo a pessoa, pra destruir porque não dá nem fome, nem sono, nem sede...só dá vontade de você tomar cachaça e usar ele...é...pra f... um! É isso...”

Ariston dormiu nas ruas para se distanciar do ambiente no qual havia uso de crack, buscando novos sentidos para sua existência devido à dificuldade em estabelecer o uso funcional. Acredita que o crack possui tendência a tornar o uso cada vez “pior” e que é necessário que haja abstinência, mostrando também a importância do apoio familiar para não “baratinar”. O entrevistado consegue controlar o uso atualmente, fumando apenas duas vezes por semana, desde 2002, mas percebe que mesmo assim “atrapalha” sua vida, tornando-o mais agressivo. Sente-se mais feliz quando não está fumando crack e faz uso de maconha para diminuir os efeitos negativos da abstinência. Oliveira e Nappo (2008) afirmaram que o uso controlado dessa droga possui relação com uma anterior fase de compulsão, como ocorreu com Ariston. Ribeiro, Sanchez e Nappo (2010) também comentam que uma das estratégias dos usuários de crack para evitar fissura é associar o uso do crack à maconha, assim como Ariston o faz. Apesar de fazer o uso de crack apenas duas vezes por semana, aconselha a evitar o primeiro uso, assim como Ário também aconselhou.

As entrevistas mostram múltiplas singularidades, diversos modos de usar crack, enquanto alguns entrevistados, em alguns momentos, transformam atos em ações políticas, publicizando, fazendo emergir o novo, afirmando sua diversidade, outros, em outros momentos, talvez se recolham ao privado. Todas as histórias são enriquecedoras em diversidade e humanidade, são plurais e singulares, atravessadas por experiências de alegrias, sofrimentos, e dificuldades diversas, em diferentes contextos e diferentes posicionamentos em relação à natalidade. Desse modo, compreende-se que os usos de drogas são heterogêneos, singulares, inclusive o uso de crack.

Considerações Finais

A pesquisa surpreendeu expectativas devido ao seu grande teor em pluralidade. Compreendemos que os usos de crack são diferentes, não existindo um padrão único. Diversas são as variações de usos, atravessadas por compreensões, contextos e sentidos, entretanto, a mídia pode uniformizar a diversidade de forma aceita ao mundo comum, perdendo tanto em natalidade quanto em possibilidade de experimentar o nascimento da experiência humana. Os seres humanos atribuíram significados às drogas em diferentes momentos históricos, portanto, os usos de drogas envolvem aspectos epocais, que nos atravessam em nossas experiências. Não existe um único tipo de usuário de crack, assim como não existe um único modo de ser usuário de qualquer outra droga.

Não se observa na pesquisa preocupações, nos jornais, em diferenciar os diferentes tipos de usos de drogas nem diferenciar uso de tráfico, influenciando também a opinião pública em relação a esses aspectos. Enquanto isso, os usuários (as) e/ou dependentes de crack mostram que a relação com a droga é complexa, alguns conseguem estabelecer o uso funcional, outros não. Os usos de crack são diversos porque o ser humano é múltiplo, a droga atinge cada um de um modo diferente, pois ela sozinha não cria sentidos, nem narrativas, nem experiências.

Alguns entrevistados criticam a mídia em relação ao modo como essa propaganda de violência e estigmatiza o usuário de crack, fazendo emergir que existem experiências diferentes das publicizadas midiaticamente, mas privatizadas devido à sua irrelevância ao mundo comum. Os usuários deram voz às suas experiências, como desejaram, infelizmente isso não ocorre sempre no mundo comum, onde é preciso relevância para conquistar espaço público. Tornam-se necessárias atenções voltadas aos usuários de crack que considerem a multiplicidade dos usos e as estratégias utilizadas pelos mesmos, levando-se em consideração os que conseguem fazer uso funcional.

Referências Bibliográficas

Araújo, T. *Almanaque das drogas*. São Paulo: Leya, 2012.

Araújo, L., Mota. *Drogas e Estigmas*. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos. Disponível em <www.neip.info> http://www.neip.info/html/objects/downloadblob.php?cod_blob=364 Acesso em 20 de Nov. 2011. Trabalho apresentado na II Semana de Humanidades da Universidade Federal do Ceará (UFC), 2005.

Arendt, H. *A condição humana*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

Becker, H. Consciência: poder e efeitos da droga. In: Becker, H. (Org.) *Uma teoria da ação social coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

Becker, H. (Org.) *Uma teoria da ação social coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

Benjamin, W. *Magia, técnica, arte e política*. 3ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaoconsolidado.htm>, acesso em 14 de março de 2014.

BRASIL. *Legislação e políticas públicas sobre drogas no Brasil*. Secretaria nacional de políticas sobre drogas. Brasília, 2008. Disponível em <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Legislacao/327912.pdf>>, acesso em 14 de março de 2014.

BRASIL. *Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001*. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm>, acesso em 14 de março de 2014.

BRASIL. *Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006*. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111343.htm>, acesso em 14 de março de 2014.

BRASIL. *Lei orgânica do SUS - nº 8.080*. Ministério da Saúde, Assessoria de Comunicação Social, Brasília, 19 de setembro de 1990. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm> Acesso em 14/03/2014.

BRASIL. Ministério de Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST e AIDS. *Política de atenção integral a usuários de álcool e outras drogas*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Legislacao/326983.pdf>> Acesso em 10 de Mar 2014.

- BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria Nº 2.197/GM Em 14 de outubro de 2004*. Disponível em: < <http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2004/GM/GM-2197.htm> >. Acesso em 10 de Março 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde, 2005. *Portaria nº 1.028/GM de 1º de julho de 2005*. Disponível em < <http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2005/GM/GM-1028.htm> >, acesso em 10 de Março 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde, 2002. *Portaria n.º 336/GM*. Disponível em < <http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2002/Gm/GM-336.htm> >, acesso em 14 de março de 2014.
- Bucher, R., Oliveira, S. *O discurso do “combate às drogas” e suas ideologias*. Rev. Saúde Pública vol.28 nº 2. São Paulo. Abril. 1994.
- Bucher, R. *Visão histórica e antropológica das drogas*. In: BUCHER, R. (org.). *Prevenção ao uso indevido de drogas*. 2ª edição. Brasília: Universidade de Brasília, 1991b.
- Bucher, R. (org.). *Prevenção ao uso indevido de drogas*. 2ª edição. Brasília: Universidade de Brasília, 1991b.
- Burgierman, D.R. *O fim da guerra*. São Paulo: Leya, 2011.
- Carlini, E. A., Galduróz, J. C. F., Noto, A.R., Nappo, S.A. *I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país*. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, 2002.
- Carlini, E. A.; Galduróz, J. C. F.; Silva, A. A. B.; Noto, A. R.; Fonseca, A. M.; Carlini, C. M. Et. Al. *II levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país*. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas/UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo/SENAD- Secretaria Nacional sobre Drogas, 2006.
- Carneiro, H. Transformações do significado da palavra “droga”: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo. In: Venâncio, R.P., Carneiro, H. (org.). *Álcool e outras drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: PUCMinas, 2005.
- Conselho Federal de Psicologia. *Relatório da 4ª inspeção nacional de direitos humanos: locais de internação para usuários de drogas*. 2ª edição. Brasília, DF, 2011.
- Conselho Federal de Psicologia. *Drogas, direitos humanos e laço social*. 1ª edição. Brasília, DF, 2013.
- Corrêa, G. Drogas para além do bem e do mal. In: Santos, L.M (org.) *Outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas*. 1ª edição. Porto Alegre: Ideograf, 2010.
- DSM-IV. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 4 e.d. rev. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 2. ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- Fundação Oswaldo Cruz. *Estimativa do número de usuários de crack e/ou similares nas Capitais do País*. Livreto Domiciliar. Disponível em < [file:///C:/Users/armida/Downloads/Livreto_Domiciliar_17set%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/armida/Downloads/Livreto_Domiciliar_17set%20(1).pdf) >, acesso em 14 de março de 2014.
- Fundação Oswaldo Cruz. *Perfil dos usuários de crack e/ou similares no Brasil*. Livreto Epidemiológico. Disponível em < [file:///C:/Users/armida/Downloads/Livreto_Epidemiologico_17set%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/armida/Downloads/Livreto_Epidemiologico_17set%20(2).pdf) >, acesso em 14 de março de 2014.
- Gadamer, H. *Verdade e método*. 11ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.
- Heidegger, M. *Seminários de Zollikon*, 3ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.
- Heidegger, M. *Serenidade*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Instituto Piaget, 2001.
- Lawn, C. *Compreender Gadamer*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2006.
- Lira, W. L., Escobar, J. A. C. *Decifrando o caminho das pedras: possibilidades antropológicas e etnográficas para a compreensão qualitativa dos usos e usuários de crack*. Estudos Universitários: Dossiê sobre drogas, 28, pp 133-174, 2011.
- Lispector, C. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- Macrae, E., Tavares, L, A., Nunez, M. E. *Crack: contextos, padrões e propósitos de uso*. Salvador: EDUFBA: CETAD, 2013.
- Malheiro, L. S. B. *Sacizeiro, Usuário e Patrão: um estudo etnográfico sobre consumidores de crack no Centro Histórico de Salvador*. Monografia de conclusão de curso (Graduação). Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2010.
- Malheiro, L., Macrae, E. Trabalho de campo e a construção de políticas para usuários de drogas – a questão dos usos de crack na atualidade: um olhar sobre usuários e usuárias. In: Moraes, M., Castro, R., Petuco, D.(org.). *Gênero e Drogas. Contribuições para uma ação integral à saúde*. Recife: Instituto Papai, 2011.
- Moraes, M., Castro, R., Petuco, D (org.). *Gênero e Drogas. Contribuições para uma ação integral à saúde*. Recife: Instituto Papai, 2011.
- NE10 Notícias. Disponível em < <http://ne10.uol.com.br/> >, acesso em 14 de março de 2014.
- Niel, M. Silveira, D, X. *Drogas e Redução de Danos: uma cartilha para profissionais de saúde*. São Paulo. Ministério da Saúde, 2008.
- Noto, A.R., Baptista, M.C., Faria, S.T., Nappo, S.A., Galduróz, J.C.F., Carlini, E.A. Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19(1):69-79, jan-fev, 2003.

- Noto, A.R., Opaleye, E.S., Locatelli, D. P., Ronzani, T. M. Cobertura jornalística sobre drogas: distorções e potencialidades na prevenção. In: Ronzani, T.M. (org.). *Ações integradas sobre drogas: prevenção, abordagens e políticas públicas* (pp. 277-291). Juís de Fora: UFJF, 2013.
- Nunes, D.C., Santos, L.M., Fischer, M.F., Guntzel, P. “...outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas...” In: Santos, L.M (org.) *Outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas*. 1º edição. Porto Alegre: Ideograf, 2010.
- Oliveira, L.G., Nappo, S.A. *Caracterização da cultura de crack na cidade de São Paulo: padrão de uso controlado*. Revista Saúde Pública, 2008; 42(4): 664-71.
- OMS, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- Ribeiro, L.A., Sanchez, Z.M., Nappo, S.A. *Estratégias desenvolvidas por usuários de crack para lidar com os riscos decorrentes do consumo da droga*. J Bras Psiquiatr. 2010;59(3):210-218.
- Ronzani, T.M. (org.). *Ações integradas sobre drogas: prevenção, abordagens e políticas públicas*. Juiz de Fora: UFJF, 2013.
- Santos, L, M. *Outras palavras sobre o cuidado de pessoas que usam drogas*. Porto Alegre: Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, 2010.
- Santos, S., Souza, E. Desafios no tratamento de usuários de crack. In: SILVA, G, L. *Drogas, Políticas e Práticas*. São Paulo: ROCA, 2010.
- SENAD. *Prevenção ao uso indevido de drogas*. 4º edição. UFSC, 2011.
- Silveira, D. X. Reflexões sobre a prevenção ao uso indevido de drogas. In: NIEL, M. Silveira, D, X. *Drogas e Redução de Danos: uma cartilha para profissionais de saúde*. São Paulo. Ministério da Saúde, 2008.
- Silva, G, L. *Drogas, Políticas e Práticas*. São Paulo: ROCA, 2010.
- Venâncio, R.P., Carneiro, H. (org.). *Álcool e outras drogas na história do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: PUCMinas, 2005.